◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: LEONARDO SPANGHERO

Ribeirão terá pista pública de skate

Em maio, começou a ser construída a primeira pista de nível internacional na cidade

REPÓRTER: ANTÔNIO DE CARVALHO

Leonardo Spanghero, 32 anos, é o único skatista profissional da cidade e da região de Ribeirão Preto e no momento está envolvido com a construção da primeira pista de skate profissional pública da cidade, cujas obras começaram no dia 7 de maio deste ano.
Inicialmente, parte da população se manifestou contra a construção da nova pista, devido ao seu alto valor e à falta de investimentos em outras áreas essenciais para a cidade, que enfrentava, naquele momento, o início da pandemia da Covid-19, com seus primeiros casos confirmados.
Em termos técnicos, segundo informações do projeto divulgado pela Prefeitura Municipal da cidade, a pista será dividida em duas diferentes categorias para a prática esportiva, sendo o street, com área de 1.545m², e o park, que terá 1.105m². O projeto conta também com uma praça de 374m². Sendo assim, a área total da nova pista será de 3.887m², e valor do orçamento foi definido em R$ 1.660.652,95, pagos pelos cofres públicos.
Na entrevista, Spanghero fala sobre os benefícios sociais e econômicos da pista de skate para Ribeirão Preto e a evolução que a pista vai trazer aos skatistas locais e da região, que sempre apresentaram um bom nível de skate, mas nunca tiveram nenhum tipo de apoio por parte de um órgão público.

MURAL ENTREVISTA - Há quanto tempo os skatistas de Ribeirão Preto esperam pela construção de uma pista deste nível na cidade?
SPANGHERO - Há pelo menos 20 anos, desde que foi construída a mini rampa do parque Maurilio Biagi. Pelo que eu soube, o projeto original que os skatistas da época apresentaram, levava a mini rampa como um anexo da pista de street, mas, no fim, não foi construída. Acabaram levando o projeto de street para cidades vizinhas, Sertãozinho, Pitangueiras e outras.

O projeto da a pista é de nível internacional. Como isso influencia o skate local?
Assim que concluída, acredito que vai fortalecer o skate da cidade, proporcionando uma grande evolução para os skatistas, e também aquecer o mercado de skate da região que, na minha opinião, precisa de um incentivo.

Além do esporte em si, o turismo e o comércio ganham?
A pista vai atrair muita gente de fora, assim o comércio local só tem a ganhar com a conclusão do projeto. Não há porque ser contra.

O projeto teve a participação do skatista Bob Burnquist, maior medalhista da história do X Games. Como isso contribui para o projeto?
Foi muito bom contar com a intervenção de alguém com a bagagem do Bob. Na verdade ele foi responsável por alavancar o projeto colocando a Associação (ADCSRP) ao par de tudo. Eu creio que isso nos dá muita garantia em relação à qualidade da execução da obra.

Em relação aos campeonatos, Ribeirão Preto agora receberá eventos com estrutura internacional. Quais os benefícios para o skate local?
Acredito que não só o skate será beneficiado e sim toda a cidade, pois será palco de grandes eventos nível nacional ou internacional. Coloca Ribeirão em evidência e isso atrai o crescimento em todos os aspectos.

O nível do skate em Ribeirão Preto sempre foi muito alto. Com a pista nova, Ribeirão pode virar a cidade do skate?
Espero que nossa pista seja modelo para a região e com certeza entraremos em uma nova era do skate, onde muitos skatistas vão surgir e vários vão surpreender.

Apenas você é profissional na cidade. Com a pista e o aumento da relevância de Ribeirão no skate, novos profissionais vão surgir?
O skate de Ribeirão sempre foi muito expressivo e a cada dia mais vem ganhando espaço nas mídias. Ao meu ver, estamos crescendo., Novos talentos, novas marcas, novas possibilidades são criadas no skate. Alguns profissionais já estão por vir e a partir da nova pista, muitos novos talentos vão se criar.

A conclusão da obra está prevista para quando?
Boa pergunta! (risos), a obra está a todo vapor, e nós da Associação contamos com o Rodrigo Coruja, que está dia a dia acompanhando, e nos atualizando sobre o passo a passo da construção. Acredito que em menos de seis meses estará concluída. Aguardamos ansiosos. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: VIVIANE ALEXANDRE

Animais também sofrem com a pandemia

Adoção e ajuda diminuem; ONGs de acolhimento animal lutam para cuidar dos bichos

REPÓRTER: BEATRIZ FABBRI

A pandemia da covid-19 também atingiu os animais que sofreram com a diminuição de número de ações de doação e pessoas dispostas a ajudar. O poder público não destinou recursos a essa causa, pois direcionou os insuficientes investimentos no atendimento à população. As ONGs direcionadas à causa animal estão lutando para seguir os trabalhos de acolhimento e resgate, procurando manter as formas de ajuda aos bichinhos. A ex-vereadora e fundadora da ONG intitulo iluminar, Viviane Alexandre, fala um pouco sobre esses desafios.

MURAL ENTREVISTA – O que levou a senhora a trabalhar com direito dos animais?
VIVIANE ALEXANDRE – É uma paixão desde pequena. Eu sempre cuidei de animais de rua. Quando era pequena e não tinha muita noção, eu via que nascia um gatinho no meu prédio, colocava leite, caixas de papelão. Obviamente isso foi crescendo comigo. Primeiro, fazendo trabalho como voluntária, sozinha. Depois acabei conhecendo um deputado que era envolvido na questão dos animais e fui trabalhar com ele na Assembleia Legislativa.

Como a pandemia afetou o trabalho das ONGs?
Para algumas afetou positivamente, para outras não. No nosso caso, o Instituto Iluminar, aumentou muito a adoção de cães e gatos. Tínhamos uma média de adoção por mês de cinco animais. Durante a pandemia, fazendo as lives semanais, chegamos a atingir um patamar de vinte adoções mensais. Ainda fomos bonificados pela Royal Canin, que é uma empresa parceira nossa, com duas toneladas de ração.

Como tem sido para as ONGs obter recursos e se sustentarem neste período de pandemia?
Realmente é desafiador quando você precisa de recursos vindos de doação. Vendemos menos rifas e os eventos presenciais que poderiam ser feitos, não aconteceram. Se por um lado tivemos uma bonificação muito boa de ração, por outro, os recursos diminuíram pelos eventos que não eram mais presenciais. Muita gente deixou de doar, pois perdeu ou ficou com medo de perder o emprego.

Quais as principais dificuldades enfrentadas pelas ONGs que atuam na causa animal?
A primeira dificuldade é a falta de apoio do poder público. Se a prefeitura tivesse um sistema de castração e identificação gratuita, não precisaríamos gastar com os animais que resgatamos. Se o poder público fizesse a parte dele de uma maneira adequada, com certeza poderíamos ajudar muito mais animais.

Como contribuir com ONGs direcionadas a animais?
Qualquer pessoa pode contribuir com lar temporário. Agora, se essa pessoa não pode dar um lar temporário, ela pode contribuir dando um saco de ração, um medicamento, deixar pago com o próprio veterinário uma castração. A ONG ou protetor não precisam do dinheiro na mão, se deixar pago a castração, o próximo animalzinho que a ONG resgatar já vai poder ser castrado.

Como uma pessoa pode passar a ser voluntária em projetos de acolhimentos e abrigo animal?
Cada ONG tem seu protocolo. É muito simples, é um contato da pessoa dizendo que quer ajudar, podendo ser na feira de adoção, cuidando dos animais que estão nas baias, ou sendo o lar temporário.

O que fazer ao se deparar com uma cena de abandono ou maus tratos animal?
O poder público deveria tratar essa questão de uma maneira mais séria. A lei fala que se tiver gato ou cachorro machucado ou doente, ele deveria ser recolhido pelo powwder público para ser tratado, castrado, vacinado, identificado e encaminhado para a adoção. Na prática, se você for ligar na Coordenadoria de Bem-estar Animal, dificilmente eles vão resgatar. Acaba que a pessoa tem que realmente tomar para si a responsabilidade. O que não é de todo errado.

O que as pessoas precisam saber antes de adotar um animal?
É importante que as pessoas pensem muito antes de adotar um animal. Então, primeiro, se você não mora sozinho, precisa conversar com todos que moram com você. Segundo, tem que pensar que esse animal vai viver em média quinze anos, não é um brinquedo que vai durar dois anos e acabou; se vai ter dinheiro pra alimentar, se vai conseguir levar no veterinário, tudo isso tem que ser pensado. Se você não tem tempo pra ter o animal, você não tem que ter.

Caso uma pessoa tenha um animal e precisa doá-lo por alguma razão maior, como ela deve proceder, em vez de abandonar o animal?
Eu procuro entender a pessoa, porque se ela tá procurando ajuda, eu tenho que dar apoio. Então precisa primeiro entrar em contato, eu vou perguntar sobre o animal, já vamos castrar antes de doar, vou querer fotos para divulgar, e se a pessoa puder ela vai participar das lives e dos eventos presenciais, até que esse animal seja adotado. A questão é entrar em contato o mais rápido possível. Não espere até o último momento. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MARINA GUARESCHI LEAL

Brechós e upcycling são moda autêntica

Impacto ambiental e custo social gerados pela indústria da moda levam consumidor a reutilizar peças

REPÓRTER: BRENDA MARCHIORI

A reutilização de peças de roupas é uma tendência, principalmente entre os jovens, devido à oportunidade de adquirir itens únicos, de qualidade e com história. Além da crescente preocupação com os impactos ambientais e sociais gerados pela indústria da moda. A circularidade da moda permite o retorno de tendências de décadas passadas que podem ser encontradas em brechós. Marina Guareschi Leal, estudante de Relações Internacionais na Unesp – Campus Marília, encontrou nos brechós uma alternativa à moda convencional e fundou sua própria loja de vestuário usado.

MURAL ENTREVISTA – Como você começou o seu brechó? Sua experiência pessoal como consumidora te influenciou?
MARINA GUARESCHI LEAL – Eu comecei em 2018, quando percebi que minhas idas aos brechós estavam rendendo coisas não só para mim, mas para muitos amigos e pessoas próximas também. Eu fui vendo que estava conseguindo criar um acervo ou pelo menos ter um entendimento do que as pessoas iriam gostar. Sempre gostei muito de roupas e sapatos e isso era um grande problema porque acaba sempre entrando na questão de ser muito consumista. A maioria das coisas que sempre comprei foram em lojas de magazine, onde não são roupas baratas, de boa qualidade, além de extremamente padronizadas. Isso me incomodava muito.

Para você, quais são as vantagens e desvantagens de comprar em brechós?
Para mim, uma das maiores vantagens de comprar em brechós é a liberdade que sinto com cada peça por não ter desprendido muito dinheiro em algo que eu sei que tem que ser usado e gasto. A possibilidade de customizar, para mim, é uma coisa absurda. Além de ser uma forma de cooperar com a diminuição de resíduos que a gente produz, não envolve processos de tingimento e tecelagem, que atualmente são muito danosos,usam muita água e ainda poluem. E não incentiva a questão de trabalhos precarizados, que é um grande peso da indústria da moda hoje em dia. Como desvantagem, cito o processo de garimpo, que envolve muitos lugares com pouca infraestrutura e muita poeira. Geralmente, são processos demorados e que demandam muita paciência. Às vezes, ainda é necessário restaurar peças.

Pensando no impacto que a indústria da moda causa no meio ambiente, há diferentes tipos e níveis de impactos dependendo do tipo de fibra têxtil que é produzida. Você tem essa preocupação ao escolher peças para o seu consumo pessoal quando você garimpa para o brechó?
Eu tento não ficar muito presa nisso. É muito difícil escolher uma peça pelo tecido porque, às vezes, a roupa não tem etiqueta e não dá para saber muito sobre ela. Eu olho o geral, se está boa, se não está manchada, se não tem tantos furos e coisas para serem reparadas. Eu sempre procuro peças de malha de algodão, tecidos como seda e linho, que são mais duradouros e que eu sei que não têm um impacto tão grande como tecidos sintéticos. Peças com materiais mais sustentáveis em brechós é muito difícil porque, apesar de terem maior qualidade, não havia essa preocupação há algumas décadas atrás.

As gerações mais novas, entre 18 a 37 anos, são consideradas as que mais impulsionam o mercado de brechós, segundo uma pesquisa da threadUP. A mesma pesquisa também revelou que 62 milhões de mulheres compraram produtos de segunda mão em 2019. No seu brechó, você identifica esses nichos de consumidores? Por que você acha que as novas gerações e, em especial, as mulheres estão mais abertas a comprar peças de segunda mão?
Eu identifico, sim. Por exemplo, no ano passado a maioria dos meus consumidores foram estudantes, através dos eventos realizados na Unesp. Eu compareci em muitos outros encontros de brechós e bazares, nos quais eu vi uma diversidade muito maior de pessoas, mas a grande maioria ainda são mulheres. Eu acho que o principal atrativo disso são os preços. Mas eu reforço a liberdade de poder transitar entre os estilos e as peças de outros tempos. Encontrar peças que não estão na moda e que você não encontraria em uma loja convencional.

O upcycling é um movimento que está crescendo. Qual sua opinião sobre esse tema?
Eu acho que envolve essa grande tentativa de se livrar de padrões pré-concebidos, com essas estéticas milimetricamente montadas e que a gente sempre luta muito para tentar se encaixar. Com certeza, o upcycling é uma forma diferente de ver isso e de conseguir se vestir de uma maneira mais você.

Como você avalia a realização de eventos em conjunto e a construção de redes de colaboração com outros brechós? Como você acha que ações como estas podem contribuir para o setor?
Eu acho que os eventos são de extrema importância para dar relevância para o movimento. Além de dar uma visibilidade para os diversos garimpeiros independentes. É muito bom também para o próprio consumidor que pode ter mais escolhas. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MAIARA VILARES

Da Atlética para os grandes eventos

Festas e jogos universitários geram milhares de empregos sazonais e levam faturamento para as cidades

REPÓRTER: BRUNNA ROCINHOLI

No passado, as associações atléticas acadêmicas, historicamente as principais responsáveis por organizar eventos universitários, encontravam dificuldades para estruturar eventos de grande porte, mas com o crescimento do mercado universitário essas agendas ganharam outra dimensão. Esse formato de festival gera, em média, mais de 1.600 empregos durante a sua realização e atraem mais de 30 mil pessoas por dia de evento. Trabalhando neste ramo há quase três anos, Maiara Vilares, coordenadora de Marketing da Usina Universitária, conta para o MURAL ENTREVISTA quais são os passos para a realização de um evento universitário de sucesso.

MURAL ENTREVISTA – Como você começou a atuar neste segmento de festas universitárias? E quando percebeu que este setor tinha potencial para crescer e se consolidar como um nicho de mercado rentável?

MAIARA VILARES - Comecei pela Atlética da Comunicação em 2017, quando ela foi reestruturada. Ainda naquele ano conheci a Usina Universitária, onde trabalho atualmente e coordeno um dos maiores eventos universitários do Brasil. A Usina era responsável por produzir uma festa de recepção de calouros(as) da Unaerp e foi assim que tivemos o primeiro contato. Foi com essa aproximação da empresa que entendi a crescente que é o setor universitário, principalmente de eventos.

E a Usina Universitária? Desde quando a empresa existe e qual seu raio de atuação?
A empresa existe desde 2010 e foi criada por três amigos universitários, dois da FEA/USP RP e um da Unesp Jaboticabal. Eles, membros de suas respectivas atléticas, se uniram com o propósito de produzir o Economíadas Caipira. Depois disso sentiram a firmeza do ramo de eventos universitários e seguem no mercado até hoje, dez anos depois.

Qual a porcentagem de lucro (em média) de um evento universitário grande como o InterUnesp?
Os Jogos Universitários trabalham com dois tipos de divisão de lucros: repasse financeiro e planilha aberta. No repasse financeiro a empresa produz o evento e as atléticas vendem os convites e após a realização do evento cada uma recebe uma porcentagem do lucro final. Na planilha aberta é o contrário. É como se fosse uma sociedade entre a liga das atléticas e a empresa. Nesta, as entidades acompanham a planilha de custos, optam se querem tirar ou por algo e no final dividimos o lucro. A porcentagem também varia.

Como vocês escolhem a cidade sede do evento universitário? Há alguma contrapartida das prefeituras? Como é feita a negociação?
Depende do evento. No caso do InterUnesp, os campus que quiserem sediar devem se candidatar e os outros campus votam. Para sediar precisa de ene fatores como liberação de escolas para alojamento, ter a quantidade mínima de quadras para o esportivo, ter liberação e negociação com o local de festas etc. No caso dos outros eventos, nós procuramos cidades que tenham localização próxima das faculdades participantes e negociamos com a prefeitura a liberação das escolas e quadras esportivas.

No aspecto legal, quais são as licenças necessárias para realizar um evento deste porte?
Na liberação da cidade sede está incluso o alvará de realização da festa, liberação de escolas para alojamento, liberação de quadras esportivas e etc. Na parte da festa propriamente dita precisamos da liberação do corpo de bombeiros sobre contrato de uma equipe de segurança com registro na federal, contrato de ambulância com registro, artigo de todas estruturas, artigo de toda a parte elétrica do evento e artigo de geradores, e do ECAD que é um documento que contempla direitos autorais para fins musicais e artísticos.

Quais os critérios para contratação e seleção das atrações?
Primeiro analisamos o que nossos clientes pedem, depois disso orçamos valor e comercial (se a atração vai reverter em venda de convites). Se o valor for cabível, for uma atração um tanto quanto comercial e a atração tiver a data, é contratada.

Como é feita a venda dos convites?
A venda é sempre feita pelas atléticas. Elas vendem os pacotes e nos passam o valor arrecadado. Existe também venda online, que vendemos direto pela Usina e vendas avulsas com pontos de vendas na cidade sede e na bilheteria do evento.

O que acontece em caso de assédio, homofobia, machismo ou briga durante a festa?
Nós temos uma equipe na Usina responsável por isso. É uma equipe que faz um trabalho pré, durante e pós evento de conscientização e acolhimento. Essa equipe é responsável por analisar o caso e tomar as devidas providências. Vale ressaltar que nossa equipe é composta por psicólogos(as) formados e estudantes, que sabem como lidar não só com casos de preconceito, mas também com casos psicóticos que possam vir a acontecer.

Neste ano de pandemia, como as empresas organizadoras de eventos estão sobrevivendo?
Estamos nos reinventando e criando projetos para os próximos anos, além de melhorias nos eventos proprietários, a fim de recuperar o tempo - e dinheiro - perdidos em 2020.

Quais as perspectivas do setor para o próximo ano?
Estamos um pouco mais confiantes e acompanhando as notícias diariamente. Fora isso, seguimos trabalhando normalmente, pois precisamos ter planejamentos sempre pensados e organizados para conseguir lançar, ou continuar, com os eventos. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: RENATA MONFORT

Doenças psicológicas ainda são tabus?

Pacientes revelam seus transtornos psicológicos e abrem caminho para o fim do preconceito

REPÓRTER: CAROLINE CARMO

Os transtornos psicológicos afetam pessoas de todas as faixas etárias, em destaque para a fase juvenil. É cada vez mais comum o debate sobre o tema e a publicação de livros, informativos e conteúdos que enfocam a necessidade do cuidado à saúde mental. Mas, o assunto ainda não tem visibilidade e reconhecimento, embora cada vez mais se supera o paradigma de que apenas é doença aquilo que apresenta sintomas externos. De acordo com a psicóloga Renata Monfort, que atua em atendimentos a crianças, adolescentes e mulheres em situação de vulnerabilidade, o aumento de relatos de jovens que enfrentam esses transtornos vem reduzindo o preconceito e estimulando pacientes a relatar seus problemas de transtorno psicológicos e buscar ajuda psiquiátrica e psicoterapêutica.

MURAL ENTREVISTA – Ainda há preconceito contra pacientes que sofrem transtornos psicológicos ou psiquiátricos?
RENATA MONFORT – As pessoas reagem com estranheza! Embora o mundo tenha se voltado para enxergar a vulnerabilidade da saúde mental dos indivíduos, ainda nos deparamos com situações em que os transtornos ainda causam espanto. Ainda há preconceito.

A senhora percebe mudanças, avanços, nessa reação?
O próprio contato com o psicólogo vem mudando. Antes o profissional era estigmatizado, visto como alguém que cuidava de loucos, então estar muito perto de um psicólogo não era muito bom (risos). Mas, à medida que as pessoas entendem mais do que se trata a profissão, todo o resto deixa de ser tão estranho, como os transtornos.

Tais transtornos sempre existiram, mas como elas eram relatadas anos atrás?
Sempre existiram, só não se sabia tanto como sabemos hoje sobre eles, não eram tidos como condições advindas do adoecimento mental, eram vistos como "defeitos", "maldições", possessões, consequências de pecados dos pais e várias outras justificativas que, sabemos, não têm fundamento.

Por que parte da população enxerga tais doenças como se não tivesse importância?
Para a maioria das pessoas, só é importante o que debilita o corpo físico. Se você quebrar o braço vai para o hospital para engessar, porque um braço quebrado dói muito, causa dor, desconforto. Mas, infelizmente o mesmo não acontece com um sofrimento, um luto, um trauma. A vida tem essas intempéries e é saudavelmente humano nós sofrermos em algum momento da vida, isso faz parte do crescimento, do amadurecimento da pessoa.

Pesquisas comprovam que está havendo um aumento gradativo de relatos de jovens que sofrem com doenças psicológicas. Qual a razão desse aumento?
O estilo de vida corrida que se instalou deixa de lado algo importante na promoção de saúde mental: o contato. A convivência, a aproximação afetiva, o toque, a intimidade, o investimento emocional, o amor que o meio proporciona são antídotos que estruturam as pessoas emocionalmente e previnem possíveis problemas psicológicos futuros. Além disso, as pessoas estão expondo mais, está em alta assumir nossa humanidade, mostrar a fragilidade. E as pessoas se mostram solidárias. Então isso abre as portas para que os adolescentes, crianças adultos se sintam mais à vontade para falar.

Como a depressão e a ansiedade podem atingir a vida de um jovem?
A pessoa interrompe seu cotidiano, as atividades do dia a dia se tornam um sofrimento, nem as atividades que geravam mais prazer são capazes de animar mais. A pessoa deixa seus compromissos, alguns jovem terminam relacionamentos, deixam faculdade, emprego, se isolam. A ansiedade pode fazer com que a pessoa fique irritadiça, tenha mudanças de humor prejudicando os relacionamentos, impulsividade, cansaço.

Ainda há pessoas insensíveis aos relatos dos que sofrem distúrbios psicológicos?
Porque não entendem ou porque não sabem como reagir. É mais fácil ignorar ou fingir que não é nada do que aceitar que aquela pessoa sofre de algo que é estigmatizado como "anormal" pela sociedade. Eu já atendi muitos pais que não aceitavam que seus filhos tinham um atraso, ou uma disfunção, por não querer que aquele problema fosse associado a eles, ou que seu filho fosse "taxado" como "defeituoso".

Com altos índices de suicídio, campanhas governamentais e iniciativas privadas começaram a se mobilizar. Como isso afeta o olhar da sociedade para tal assunto?
Os casos de suicídio não eram divulgados com tanta frequência, não se falava no assunto. Era um assunto pesado demais e com uma carga religiosa que tornava tudo mais difícil. Agora, entendendo a gravidade que os índices de suicídio evidenciam, o assunto foi se mostrando importante nos espaços de discussão, pois está diretamente ligados a condição mental, da saúde mental. A sociedade está mais debruçada em perceber o ser humano como um ser biopsicossocial, ou seja, ele se estrutura principalmente nestas três esferas, e durante a vida tenta se equilibrar entre elas para viver saudável. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MATHEUS ROZÁRIO MATIOLI

“As pessoas puderam olhar para si”

Para o psicanalista Matheus Matioli, autoconhecimento e atualização das relações marcam a pandemia

REPÓRTER: FELIPE FAUSTINO

Durante a pandemia da Covid-19, as pessoas se confinaram em casa e tiveram dificuldades com as relações interpessoais ou foram obrigadas a evitá-las. Perdeu-se o contato físico, o abraço, e muitos relacionamentos passaram a ser majoritariamente virtualizados. A sociedade precisou se moldar para suportar o período da pandemia e a saúde mental dos indivíduos entrou em cheque com o passar das semanas de isolamento social. Esse cenário, segundo o psicanalista Matheus Rozário Matioli, influenciou no comportamento das pessoas, causando efeitos diversos e tornando a adesão à tecnologia necessária para manter-se saudável psicologicamente.

MURAL ENTREVISTA – O senhor atendeu muitas pessoas que afirmaram se sentir mal por não poder sair de casa e se encontrar com familiares e amigos?
Matheus Rozário Matioli – A princípio foi um momento em que as pessoas tiraram um saldo positivo da pandemia, mas isso caiu com a permanência dela [pandemia] e quem via como um bom momento para mudar de rotina, passou a refletir que estava deixando de ver familiares e amigos, de frequentar lugares. Isso acontece, pois não era a expectativa e por um momento tenta-se extrair o melhor nos recursos internos de cada um. Mas isso não se sustenta para todos, e daí começam as queixas.

Sentir-se impossibilitado de tocar as pessoas, de abraçá-las ou de apenas estar perto, afeta um indivíduo de que maneira?
Vai depender da vivência. Tem aqueles que vão sentir a falta do contato físico e de se relacionar e outros vão achar bom esse momento. É claro que nós somos seres de vivência coletiva, a gente se enlaça aos outros, então causa uma estranheza termos que fazer isso virtualmente. Há pessoas que sentirão muito mais do que outras e aí se iniciam esses sintomas depressivos, ansiosos.

Então quem está acostumado a ter esse contato mais próximo sente muito mais do que quem prefere ficar em casa?
Sim. É interessante porque parece que quando sou limitado a fazer algo, o desejo de fazer aparece. É claro que quem se encontra em ambientes de trabalho ou universitário quer estar de volta. Agora, uma pessoa que prefere ficar em casa talvez pense isso porque ela pode sair se quiser, e quando algo a proíbe, ela começa a refletir. Claro, vai muito do que essa pessoa vivencia diariamente.

Os aplicativos de relacionamento foram abandonados no início do confinamento e houve um retorno em massa depois de algumas semanas. Como o senhor analisa esse movimento durante a pandemia?
No início as coisas tentam se sustentar por um tempo, mas não dura. Então isso do sujeito a princípio fazer o uso dos aplicativos, podemos pensar em algumas possibilidades como o tempo de pandemia e hoje já se conhece um pouco mais a doença. Isso vai fazendo com que as pessoas deem uma relaxada. As praias e bares lotaram durante os feriados. São recursos internos que a pessoa tem por um momento para lidar com a situação, mas não vai se sustentar a todo momento, e aí a ela vai voltar ao que já fazia anteriormente.

A internet se adaptou suficientemente bem às necessidades de contato durante a pandemia?
Nós que nos adaptamos ao mundo virtual. Tínhamos uma vivência com a virtualidade de uma forma antes e agora podemos vivenciar de outro jeito. No meu trabalho era muito difícil me imaginar atendendo um paciente virtualmente. No início, nós paramos, pensando que seria breve, e depois ofertamos a modalidade virtual. Gera efeitos, mas não é para todos. Tivemos pacientes que aceitaram e outros não. Os alunos tiveram que se adaptar, os estágios tiveram que ser suspensos. Escutamos muito até mesmo sobre a forma de se lidar com mensagens no WhatsApp. Agora algumas pessoas começaram a responder com emoção, dando valor à mensagem.

Após um período excepcional como essa pandemia, existe alguma expectativa de que a sociedade possa se tornar mais atenta e preocupada com a saúde mental?
Já estão mais preocupados. Eu recebi vários pacientes novos, porque foi um momento que precisaram se adaptar e tiveram tempo de olhar para si mesmos, de perceber o momento que fica mais ansioso, nervoso, triste. Pode-se dizer que esse momento foi interessante, muitas pessoas que não se viam sozinhas porque estavam a maior parte do tempo se relacionando começaram a ver que estavam sozinhas e se preocuparam com isso. Acho muito importante recebermos essas pessoas na busca por um profissional, um olhar mais especializado.

De certa forma, o isolamento deu às pessoas tempo de pesquisa. O senhor imagina que o costume recente de higienização pode resultar em relações sexuais mais preventivas?
Seria interessante. Foi muito disso, da prevenção. Será que preciso me relacionar com várias pessoas? As pessoas puderam repensar o ato da prevenção, o ato da higiene. Pode ter sido um avanço ou pode ter sido temporário. O esperado é que as pessoas voltem ao menos marcadas pela pandemia, pelo contato com o virtual e com as ideias de prevenção. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ANDRÉ VENTURELLI

Cresce o número de plásticas em 2020

Isolamento social é apontado como principal motivo para o aumento da procura por cirurgias estéticas

REPÓRTER: GABRIELA VIANA

Com o passar do tempo a busca por uma aparência perfeita, que se encaixe nos padrões pré-estabelecidos pela sociedade atual, cresce gradativamente. Dados levantados nos últimos dez anos pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica comprovam que houve um aumento de 141% nos procedimentos e cirurgias realizadas em jovens, com idade a partir de 13 anos. E durante o período de pandemia a procura por clínicas de cirurgias plásticas continuou crescendo. Segundo o cirurgião plástico André Venturelli, a grande procura por tais procedimentos se dá pela satisfação de proporcionar uma autoestima melhor. Com o isolamento social, a população enxergou uma oportunidade de realizar essas cirurgias mais facilmente, já que muitas empresas aderiram ao home-office, o que tornou o pós-operatório algo viável e mais fácil de cumprir.

MURAL ENTREVISTA – Qual foi sua motivação para se tornar um cirurgião plástico?
ANDRÉ VENTURELLI – Desde muito novo sempre gostei de fazer pinturas em quadros e esculturas. Entrei na faculdade de Medicina com 17 anos e logo fiz uma lista de todas as especialidades. Entre todas as opções eu selecionei a cirurgia plástica. Então, desde o segundo ano comecei a acompanhar essa área e, assim, já havia definido que realmente queria seguir na cirurgia plástica.

Durante o período de pandemia o senhor notou um aumento na procura por procedimentos estéticos?
Sim, no começo da pandemia fechamos por algumas semanas, mas depois retomamos, seguindo todos os protocolos, e assim percebemos que aumentou a procura. As pessoas passaram a aproveitar que estariam em casa para fazer o pós-operatório, pois seria mais fácil. Até porque a maioria das mulheres são mães e a época de férias acaba sendo quando mais ocorrem as cirurgias. Com a pandemia, passaram a antecipá-las.

Qual a maior motivação apresentada pelos pacientes para realizar hoje a cirurgia plástica?
A cirurgia plástica mexe muito com a autoestima das pessoas e, culturalmente, o Brasil e os Estados Unidos valorizam muito o corpo. As pessoas buscam esses procedimentos para melhorar a sua autoestima. A cirurgia plástica tem que ter a finalidade de provocar uma mudança também no interior da pessoa, de forma que a faça se gostar mais.

O senhor acredita que a mídia hoje exerce grande influência nos padrões estéticos?
Sim, a cultura de valorização do corpo é totalmente influenciada pela mídia. Quanto mais acessam as redes sociais e acreditam que as mais bonitas terão melhores oportunidades, mais as pessoas querem estar melhor.

O senhor acredita que a busca por muitos procedimentos estéticos possa gerar alguma espécie de transtorno ou doença no paciente?
Sim, o fato de uma pessoa viver atrás de um corpo perfeito já demonstra uma doença, um transtorno de formação do corpo. Pois, às vezes, a gente encontra pessoas que têm a autoestima lá em cima; mesmo com algumas questões que poderiam ser "defeito" para outros, elas se encontram felizes com o corpo que têm.

Qual sua posição sobre a mercantilização da medicina?
Dentro da cirurgia plástica, a mercantilização é transformar a cirurgia em um produto, de forma que você cria uma imagem de que está vendendo uma certa posição. Como, por exemplo, tem uma paciente querendo fazer um determinado procedimento e, mesmo que ela não precise, há profissionais que irão fazer a vontade dela. Ao contrário, outros profissionais irão tentar convencer a paciente de que ela não precisa daquilo, pois a cirurgia não é algo tão simples. Então, talvez a mercantilização esteja no profissional.

Existe a prática clandestina de realização de procedimentos estéticos? Qual seria o principal motivo que leva um profissional a se submeter a isso?
O profissional para fazer um procedimento estético deve ser habilitado e capacitado. No caso da cirurgia ele deve ser um cirurgião plástico, mas muitos médicos trabalham como cirurgiões plásticos e não são formados. Só fazem apenas alguns cursos e passam a realizar as cirurgias, mas eles terão que responder por isso. Existem também vários procedimentos que não são cirúrgicos, mas que são estéticos e um médico formado pode fazer, desde que tenha um curso para isso. O que está acontecendo hoje é que há pessoas que não são médicos fazendo esses procedimentos. O principal motivo que leva um profissional a isso é o dinheiro e em seguida a fama.

Como os pacientes devem se conduzir para evitar profissionais não adequados?
Seria através da informação, mas hoje é difícil controlar isso, já que as pessoas são controladas pelas informações que circulam nas redes sociais e grande parte delas tomam essas informações como verdades. Então, para melhorar isso seria através da divulgação de informações corretas.

Qual seu posicionamento sobre hoje o Brasil ser um dos países que mais realiza cirurgias plásticas no mundo?
O Brasil e os Estados Unidos sempre estão em primeiro lugar justamente porque a cultura desses países tende mais para esse lado da valorização do corpo. Talvez porque esses dois países tenham também uma boa extensão de praias, de sol, ao contrário de países como o Canadá que é muito frio e as pessoas tendem a se cobrir mais. Nessa faixa mais litorânea, onde as pessoas expõem mais o corpo, a cirurgia acaba tendo mais valor, mas isso também se mistura com diversas questões como a religião e a cultura. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MÁRCIO COSTA

Foco na saúde vai além da estética

Atividade física e boa alimentação geram qualidade de vida e melhoram a aparência corporal

REPÓRTER: GEISIANE CANTUÁRIA

A atividade física feita com supervisão profissional traz uma série de benefícios. Além de auxiliar no tratamento de doenças, pode preveni-las pois fortalece o sistema imunológico. A atividade física associada a uma boa alimentação tem como resultado uma vida saudável, objetivo da maioria das pessoas está aderindo à prática de exercícios em casa. A prática deve ser feita dentro de um parâmetro seguro, de acordo sua capacidade motora e sem correr riscos. A alimentação e o descanso também são fatores importantes. O modo de consumir e classificar os alimentos têm uma grande interferência na saúde e o tempo de descanso muscular pode interferir na definição dos músculos e ganho de massa. Marcio Tadeu Costa é personal trainer e explica sobre os cuidados para promover a saúde, além da estética.

MURAL ENTREVISTA – Como e por que a atividade física promove a saúde, prevenindo contra doenças e até mesmo tratando-as?
MÁRCIO COSTA – Por meio dos exercícios acontece uma melhora no sistema imunológico, na condição cardiovascular, na condição respiratória e nos tendões. O praticante de atividade física não só leva o exercício, como também uma dieta. É uma soma que enriquece o sistema imunológico.

Quais tipos de doenças podem ser prevenidas por meio de atividades físicas e quais podem ser tratadas?
Pode prevenir diabetes, obesidade, hipertensão, inflamação no nervo ciático, limitações articulares e pode tratar dores crônicas.

Ultimamente, blogueiras e fisiculturistas estão indicando treinos e dietas para se ter um "corpo ideal". Qual sua opinião sobre isso?
Não concordo com o fato de generalizar dizendo que tal prática é a "melhor". Pode ser um exemplo que deu certo para alguns. O treino é individual, cada indivíduo deve ser tratado dentro da sua resistência e de seu propósito.

Apesar de se saber que um corpo saudável é resultado de uma alimentação equilibrada e treino adequado, vemos que as pessoas estão optando por suplementação e, muitas vezes, anabolizantes. Na sua avaliação, por que isto acontece?
Optar por suplementação por decisão própria eu não concordo. Você tem que procurar o profissional da área e não se automedicar. O suplemento está aí para ajudar a quem precisa complementar uma dieta, ou acrescentar a quem precisa dos nutrientes. Quanto à questão do anabolizante, os competidores utilizam, pois eles têm restrições de dieta, um treinamento intenso, então usam anabolizantes com acompanhamento profissional. Até porque a pessoa que quer viver desse esporte, sem o uso dos anabolizantes não consegue chegar à proporção de um corpo para competição.

Como personal trainer, seus alunos costumam querer resultados rápidos mesmo que seja por métodos que podem futuramente trazer malefícios à saúde?
Nem todos querem resultados rápidos. A maioria dos meus alunos tem a mentalidade para o esporte e veem a academia como um lugar para cuidar de si mesmo. Mas, geralmente quando a pessoa é nova no quesito atividades físicas, isso acontece sim, devido à ansiedade.

A musculação ainda é vista somente como forma de garantir uma estética boa. O que poderia ser feito para demonstrar às pessoas os benefícios da atividade física para a saúde, além da estética?
Acredito que as pessoas já têm consciência de que os exercícios influenciam muito na saúde. Todos sabem que ser sedentário é um risco que se corre.

Por que o passo inicial para começar a se exercitar é tão difícil?
É difícil quando a pessoa não tem exemplo nenhum dentro de casa que a influencie a começar. Agora, para essa geração que cresce com o celular nas mãos será mais difícil, pois já têm um conforto de uma brincadeira parada.

Os resultados costumam ser demorados? Pela sua experiência isso desmotiva as pessoas?
Depende da genética. Existem pessoas que em meses se transformam de um jeito muito positivo. Eu não conheço ninguém que começou a praticar exercícios na academia e que não teve uma melhora dentro daquele parâmetro de como eu "era" e como eu "estou". Com disciplina e foco é possível evoluir.

Durante a pandemia, muitas pessoas aderiram à prática de exercícios em casa. Porém, se ouve falar de praticantes que optam por pesos como sofás, armários, dentre outros móveis domésticos. Quais riscos dessas práticas?
É perigoso. Essas pessoas são figuras públicas e, na maioria das vezes, servem como exemplo para muita gente. Embora estejam bem intencionadas ao mostrar e indicar, na casa de quem está acompanhando pode não ter o mesmo efeito, pois falta o acompanhamento profissional e a técnica adequada.

As redes sociais levam à uma competição de corpos bonitos. Como o senhor vê essa influência?
Não irei condenar a internet, pois é um leque aberto, o propósito dela é buscar momentos e conhecimentos, porém muitas coisas são postadas somente pelo quesito de ostentação e para ter essa competição. Esquecem o lado saúde e visam ganhar dinheiro com visualização. Fazem uso de todos os tipos de produtos, na maioria das vezes para poder chamar visualização para aquilo que ela está vendendo, que é a aparência do corpo. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: THAÍS REIS OLIVEIRA

“Não existe virgem maria na política”

Jornalista da Carta Capital analisa os ataques contra a imprensa e o impacto das fake news

REPÓRTER: GIULIA CARVALHO

Ataques a jornalistas, desprezo pelo papel da imprensa e culto às fake news, pela primeira vez, são ações legitimadas pelos representantes de alto escalão do Poder Público. A tentativa de ruptura institucional e afronta a um dos pilares da democracia parte muitas vezes do próprio presidente da República, trazendo uma naturalização aos ataques. Desde a Ditadura de 1964, o papel do jornalista político nunca esteve tão ameaçado. Ao mesmo tempo, existe um surto de fake news orquestrado por forças políticas mundiais. São duas crises no jornalismo, simultâneas e interligadas. Esse cenário atual do jornalismo político é o tema desta entrevista com Thaís Reis Oliveira, repórter do Carta Capital. A jornalista analisa o cenário atual da imprensa e reflete sobre os meios de enfrentar a desinformação.

MURAL ENTREVISTA – Você trabalhou na Veja e desde 2018 trabalha na Carta Capital. São dois veículos com editorialização forte e opostas. Em algum momento isso trouxe um desencontro sobre como deveria ser levada uma reportagem?

THAÍS OLIVEIRA – Não diria desencontro, mas traz dúvidas na maneira de levar adiante uma reportagem. A Veja foi minha escola, as publicações da Abril têm um manual de redação bem extenso. Já a Carta tem um viés diferente, mas os processos são muito parecidos. Eu recomendo sempre ler a revista na qual você quer trabalhar, porque essa leitura recorrente que vai tornando mais fácil esse processo de assimilar as diferenças editoriais.

Esse viés da editorialização tem um embate entre o que uma parte do público do veículo quer ler com o que o veículo acredita?

É muito comum que o público queira ler uma coisa, o jornalista queira escrever outra e a direção queira publicar uma terceira. E quando você fala de uma revista como a Carta que é abertamente progressista, esses afetos ficam ainda mais acirrados porque para muita gente ler a Carta Capital é, por si só, um símbolo de resistência, mas nem sempre os editoriais da revista agradam os nomes mais vocais do campo progressista.

Quando se fala de propostas para solucionar as fake news, fala-se de educação midiática ou do projeto de lei sobre fake news. Tem algum ponto deste problema que não está sendo observado?

A impressão que eu tenho até agora é que as propostas do Congresso não são muito boas. A gente mal sabe ainda como definir fake news. Essas propostas tentam resolver na martelada um problema que é complexo e multifatorial e podem acabar prejudicando o direito à privacidade na internet do que de fato combatendo as fake news. Eu acho que a solução desse problema passa por um pacto mais amplo, tanto entre os veículos, quanto às plataformas de mídias e também os leitores. Está mais ligado à educação midiática, a uma mudança no modelo de negócio das grandes empresas de tecnologia do que de fato uma lei que puna com cadeia uma senhora do interior da Paraíba que passou uma notícia falsa.

Os ataques voltados para jornalistas políticos vieram em um crescente rápido. Você acha que são piores com mulheres?

Os ataques são muito piores com mulheres. Quando você coloca o gênero na equação, eles tendem a ficar muito violentos e ocorrem em maior número. Pessoas que não se sentiriam à vontade para desafiar um jornalista homem perdem esse temor quando veem que foi uma mulher quem assinou a matéria. Eu tenho medo de virar alvo, mas eu tive sorte e até agora não fui vítima de nenhum ataque. Tem ali um comentário ou outro, mas nada coordenado.

Em algum momento você já chegou a ficar receosa antes de publicar uma reportagem?

Eu sempre fico receosa antes de publicar qualquer reportagem. É sempre um processo de ansiedade, mas eu não lembro de nenhuma matéria que eu deixei de publicar.

Esse fenômeno faz parte de um movimento político global. Você vê algum país no qual a mídia está sabendo responder de uma forma diferente do Brasil?

Não tem o que a imprensa e a sociedade civil possam fazer para além do que já fazemos. Infelizmente, quando esse tipo de ataque parte de agentes públicos não sobra muito o que fazer. E um outro aspecto é a mudança na condução das plataformas. A eleição americana mostrou que o Twitter e o Facebook têm o poder de interromper o discurso de ódio e impedir que a desinformação se propague. A narrativa do Trump de questionar o resultado parecia ameaçar a democracia americana e agora ele está gritando sozinho. Ele ficou no papel de criança birrenta, em um papel vexaminoso. Essa mudança na maneira que as techs lidam com isso foi bem importante.

A jornalista Vera Magalhães afirmou que no jornalismo político todas as fontes vão estar defendendo interesses próprios. Você concorda com isso?

É importante que o jornalista tenha isso em mente: não existe Virgem Maria na política, mas não necessariamente as informações que essa fonte tem para dar são informações desencontradas. A questão é saber contrabalancear esses interesses e manter fontes de todos os aspectos políticos. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ROQUE MARQUES NETO

E-sports tem crescimento avassalador

O esporte eletrônico vem se tornando uma febre de audiência e se firma como esporte e entretenimento

REPÓRTER: HECTOR ALCANTARA

Arquibancadas lotadas, concentração de jogadores, torcida gritando, transmissão de imagens: falando assim parece até a descrição de um jogo de futebol, mas as paixões são outras. Os esportes eletrônicos vêm conquistando fãs por todos os cantos do planeta e no Brasil não é diferente. Na faixa etária de 10 a 20 anos, a modalidade é mais acompanhada do que as próprias transmissões de futebol. Esse crescimento está sendo impulsionado pelos investimentos de grandes empresas, trazendo mais infraestrutura para o cenário. Segundo a Global Esports Market Report, o mercado teve um movimento global de US$ 1,1 bilhão em 2019. Sobre a evolução dessa modalidade esportiva, o Mural Entrevista conversou com Roque Marques, jornalista de e-sports na Rede Globo. Marques já cobriu presencialmente mais de 30 lans em quatro países, incluindo dois majors, principal campeonato de Counter-Strike.

MURAL ENTREVISTA – O e-sports está crescendo? Em que proporção?
ROQUE MARQUES NETO - Os e-sports estão deixando de ser aquela coisa introdutória, como se fosse uma modalidade esportiva diferente. Isso para mim é o maior sinal de evolução, porque quer dizer que as pessoas já estão entendendo o que são os esportes eletrônicos, até o pessoal mais velho.

Quais fatores têm contribuído para este crescimento?
Um dos fatores é o entretenimento. A audiência é grande na internet, tanto para os e-sports quanto para os streamers. A difusão das plataformas de streaming também, como o fenômeno do Free Fire no ano passado, trouxe um público completamente novo. Com os jogos mobile conseguimos criar um novo público e com isso houve um aumento de audiência muito grande e também a criação de um nicho extra.

Tem crescido o montante de investimentos e patrocínios nesse esporte? Como estes investimentos influenciam no crescimento da modalidade?
O dinheiro é muito importante também para quebrar algumas visões. Hoje em dia há pouco preconceito contra os esportes eletrônicos e muito disso se dá por conta do dinheiro. Quando vemos empresas como Mastercard, Nike investindo nos e-sports isso passa uma segurança para o público geral. Esses investimentos, além de ajudar o cenário a crescer estruturalmente, também ajudam a tirar o preconceito de cena.

O e-sports tem chances de se consolidar no mundo olímpico?
Essa briga, que é bem antiga, de reconhecimento para as Olimpíadas, é uma briga que não deveria ter toda a atenção que tem. Seria legal se tivesse nas Olimpíadas? Seria. Mas será que precisa disso? Os esportes eletrônicos já não são grandes o suficiente sem ter as Olimpíadas? Então, eu acho que chegaremos a um ponto em que as Olimpíadas vão precisar mais dos esportes eletrônicos, do que os e-sports precisam das Olimpíadas.

Como é hoje a situação desse esporte no Brasil e como é nível brasileiro em comparação como outros países, especialmente da Europa e da Ásia?
É difícil falarmos em nível, pois existem vários jogos diferentes. O Brasil historicamente é muito forte em jogos de tiro, onde temos títulos mundiais. Por outro lado, temos jogos como League of Legends, em que já tivemos algumas boas participações internacionais, mas ainda assim é considerado um patinho feio lá fora e uma das piores regiões do mundo, apesar de ter um servidor muito grande e de ter muito investimento. Ano que vem iremos ter dez franquias no Campeonato Brasileiro de LOL que pagaram cada mais de R$ 4 milhões para disputarem. Mesmo assim, não conseguimos dar resultado no exterior, mas isso não impede de a nossa Liga ser super popular. E na questão de investimentos, o Brasil está atrás de basicamente todas as regiões do mundo, por causa da situação socioeconômica do país. Não tem como a gente se comparar a Europa, Estados Unidos ou Ásia.

E a situação das mulheres no mundo do e-sports? Ainda há preconceito?
Existe um preconceito absurdo, especialmente do público geral. É só sintonizar em qualquer transmissão em que tenha uma mulher comentando que a galera cai matando. Os e-sports é um dos meios mais misóginos que tem e ainda é um caminho para ser desbravado. Então, a gente precisa ter muita empatia e apoiar as mulheres que estão nessa luta, porque é bem difícil ser uma mulher nos e-sports hoje, como é difícil ser mulher na sociedade no geral.

A cobertura e transmissão esportiva sobre e-sports já é um setor bem-conceituado dentro dos canais televisão e programas de esportes?
Sim, já trabalhei em duas emissoras de televisão que são focadas no esporte tradicional e sempre tivemos bastante liberdade. Claro que com o tempo isso foi melhorando , mas no dia a dia é visto com muito bons olhos, principalmente por conta dos números que crescem cada vez mais.

Há mercado publicitário potencial para essa programação atualmente na televisão brasileira?
Na minha opinião, é questão de tempo que a gente tenha esse espaço na TV aberta. Nós temos algumas matérias já entrando, então acho que com o tempo, as transmissões podem entrar também. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MARCO AURÉLIO MACEDO E THIAGO IVO BUENO

Renda dos sertanejos cai na pandemia

Duplas fazem lives e gravam novas músicas e DVDs para manter o faturamento

REPÓRTER: HENRIQUE BAGINI

O ano de 2020 não está sendo fácil para ninguém. Com as pessoas dentro de casa, os shows pequenos em casas noturnas ou os grandes eventos da música foram cancelados. Isso prejudicou muito os artistas, inclusive os do meio sertanejo, que é um dos estilos musicais mais ouvidos no Brasil. Músicos que faziam até três ou quatro shows por semana ficaram parados e buscaram alternativas para obter renda. Lives feitas em casa para um público também em casa, gravações de algumas novas músicas ou até lançamento de DVDs pelas redes digitais foram algumas das saídas encontradas. Agora, com a pandemia se estabilizando e várias áreas do mercado voltando aos poucos às atividades presenciais, os shows também tendem a retornar ao normal. A dupla Marco Aurélio e Bueno, formada e em atividade desde 2013, já lançou músicas de sucesso, como Alívio Passageiro e Orgulho Besta – esta última foi lançada durante a pandemia e divulgada pelas redes sociais. Pela primeira vez, nesse período de distanciamento social, tem sido difícil manter o faturamento, mas a dupla encontrou algumas saídas.

MURAL ENTREVISTA –Como tem sido esse período de isolamento para vocês?
MARCO AURÉLIO e BUENO - Não só pra gente, mas pra todo mundo foi um período muito difícil. Paramos totalmente com os shows e não tivemos como trabalhar.

Vocês vivem da música. Como se reorganizaram para enfrentar esse período?
Fizemos algumas lives, mas está sendo um período muito complicado. Graças a Deus nossas contas são baixas e com alguns trabalhos dá pra segurar. Um bico ali, grava uma música aqui, faz uma live, e assim vai.

Quantas lives vocês fizeram? Como foi fazer um show sem a interação direta com o público?
Foram duas lives. É totalmente diferente do que a gente fazia nos palcos. A interação era apenas com as câmeras, mas também tínhamos que pensar no público de casa. A gente entrava na vibe, pois, mesmo diferente, sabíamos da responsabilidade em agradar quem estava assistindo.

Nos shows vocês cantam músicas de outros artistas e também composições autorais. Lançaram algumas músicas novas nesta pandemia? Como foi fazer esse lançamento pelos canais digitais, sem shows presenciais?
Lançamos há uns três meses o nosso DVD que gravamos em dezembro e, justamente por causa da pandemia, havíamos segurado o lançamento, porque o foco estava totalmente no isolamento social. Está tocando nas rádios e indo muito bem nas plataformas digitais. O nome da musica é Orgulho Besta. Lançamos também algumas regravações de músicas que gravamos anteriormente em outros trabalhos. O álbum está disponível em todas as plataformas digitais.

Vocês já voltaram a fazer shows?
Fizemos alguns shows particulares, depois que a região começou a ser liberada aos poucos. Devagar está voltando e fomos sim convidados para cantar já após esse tempo de isolamento social.

Qual é a opinião de vocês sobre essa retomada?
Se for uma retomada com todas as medidas corretas, somos a favor sim. Precisamos trabalhar, desde que as pessoas tomem os devidos cuidados. O trabalho precisa voltar.

Na avaliação de vocês de vocês como ficará o mercado musical após a pandemia?
Provavelmente voltará ao normal. As coisas já estão começando a esquentar. Muitos artistas já gravando seus DVDs. Coisa que aconteceu bem pouco durante a pandemia. O mercado está se aquecendo, tomara que seja bem pra cima mesmo.

Em função das mudanças que estão acontecendo nos diferentes setores do mercado e da sociedade em razão da pandemia e da crise econômica, vocês pretendem fazer alguma alteração na carreira de vocês para o pós-pandemia?
A alteração que vamos fazer é no formato de show. Pretendemos reduzir a banda e levar um show acústico, na pegada que gravamos o DVD. Isso reduz também o valor do show, pelo menos no começo.

Como vocês veem a influência da música nas pessoas nesse período de pandemia?
A música traz alegria, independente do estilo. Todos nós ouvimos e vivemos um pouco de música. No dia a dia, em casa, no trânsito, nos aplicativos que hoje são milhares, a música está em todo lugar e sempre passa uma mensagem pra quem ouve, acalma a alma. Música é vida. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

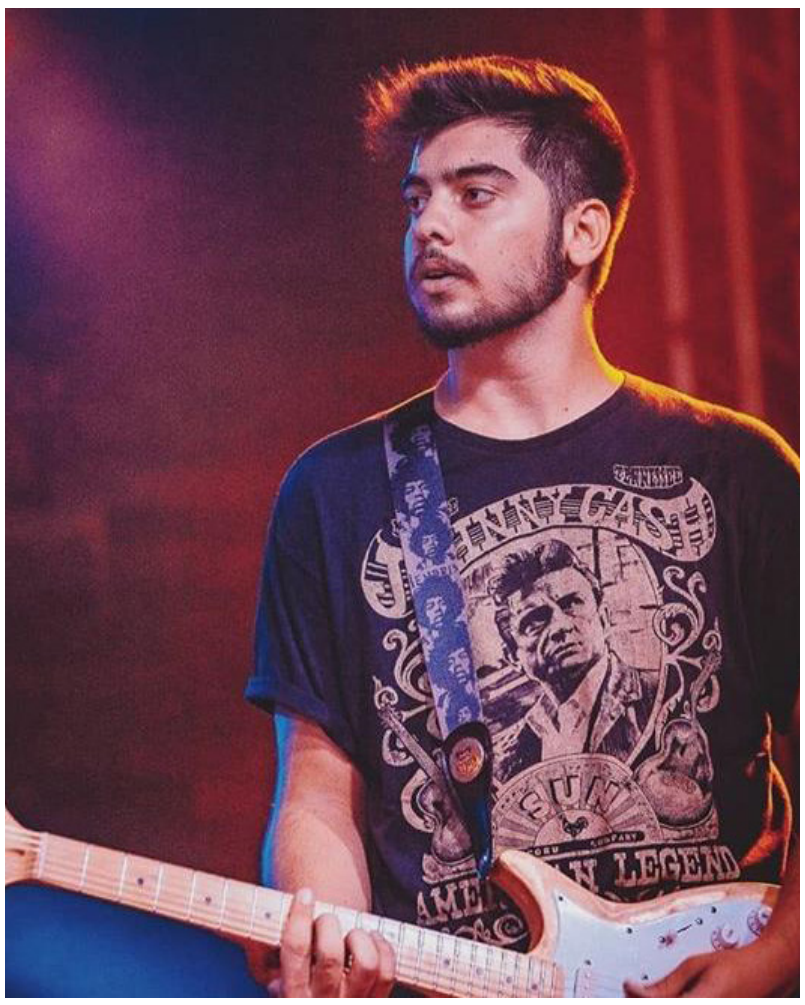
ENTREVISTA: ERNESTO RODARTE

Música jovem sofre em Ribeirão Preto

Jovens sonham se tornar músicos famosos, mas falta um cenário artístico forte onde se lançar

REPÓRTER: HUGO LUQUE

A música é o sonho de jovens ao redor do mundo, sobretudo a partir da explosão do rock nos anos 1960, com bandas como os Beatles e os Rolling Stones. A música jovem foi se adaptando às décadas, passou pelos anos 1970 de Led Zeppelin e Rush; pelos 80 com Queen e bandas brasileiras como Titãs e Legião Urbana; além dos anos 90, ainda com a mistura nacional e internacional de Red Hot Chili Peppers, Charlie Brown Jr. e Alice in Chains, até a juventude começar a dividir ainda mais seus gostos com a chegada da internet. Ernesto Rodarte, multinstrumentista de 21 anos, filho do popular músico de blues, Fred Sunwalk, fala sobre o cenário da música jovem no interior e os espaços e investimentos necessários.



MURAL ENTREVISTA - Com quantos anos você começou a fazer shows?
ERNESTO RODARTE - Profissionalmente, comecei a tocar com 16 anos.

Quais foram a melhor e a pior experiências de apresentações que você teve em Ribeirão Preto?
Em Ribeirão Preto, não tive muitas experiências ruins. Uma vez, fui tocar em um bar com um amigo e o estabelecimento não dava consumação, só água, e couvert era baixo. Nós tocamos para pouquíssimas pessoas, sendo que metade eram músicos. No total, acabou dando pouco couvert, cerca de R$ 35,00. Mas o pior de tudo foi que quem pagou o couvert não era músico. Os músicos, que inclusive eram amigos meus, se recusaram a pagar a taxa que seria destinada a nós. Quanto a experiências boas, já toquei em vários locais com casa cheia, com som alto e equipamento bom, além de festas alternativas independentes, que eu organizei ou algum amigo chamou para tocar.

O que você enxerga como necessário para um músico conseguir oportunidades nas principais casas de show de Ribeirão Preto?
Para tocar nas principais casas, o mais importante é trazer público. Os contratantes em si não estão muito preocupados com a cena ou com quem vai vir tocar, apenas estão preocupados com o dinheiro e com o público, se vai ter gente consumindo e pagando para entrar.. Para isso, tem de se colocar em situações não muito agradáveis, tocar por cachê mais baixo para mostrar sua cara e produzir conteúdo, o que te faz consolidar um público e, a partir daí, você começa a ir para as casas maiores.

Você acredita que a cena musical no município é muito fechada? Isso se agrava na música alternativa, como o rock?
O rock em si tem um público interessante, grande. A maioria das casas maiores da cidade toca rock, pop rock e esses gêneros que são mais mainstream. Agora, para tocar reggae, por exemplo, precisa ir para as casas mais alternativas. A própria música indie não tem espaço no município. Então é mais fechada no sentido de ter menos coisas voltadas para estilos específicos. O problema maior é não ter quem faça algo diferente do que já existe por não ter quem queira.

O jovem tem mais dificuldade para entrar no circuito musical da cidade?
Eu diria que o jovem tem mais dificuldade naturalmente com o mercado de trabalho num todo. Quem ainda não tem a consolidação dentro do mercado musical vai ter dificuldade para começar, mas nada que seja impossível. Quem tem o sonho de consolidar uma carreira musical e busca isso, pode ser que se dê bem. O que precisa é correr atrás mesmo.

Você acredita que dê para viver exclusivamente de música em Ribeirão Preto?
Se considerar que música é viver de tudo que engloba música, seja produtor, artista autoral, cover etc., dá. Se não for um virtuoso, uma pessoa que agrada o público de forma avassaladora e faz muito sucesso, não vai ser uma vida muito luxuosa, mas dá para viver, sim.

Antes da pandemia, você estava fazendo apresentações? As medidas de isolamento social afetaram muito sua carreira e sua situação financeira? Você conseguiu criar algo positivo a partir dela?
Sim, estava. Inclusive foram cancelados vários shows meus quando começou a pandemia. Isso foi complicado, porque parei de receber dinheiro totalmente. A partir de então, passei a receber o auxílio emergencial e comecei a trabalhar em ideias de como fazer conteúdo para a internet. Infelizmente, tive que buscar outro trabalho. No momento, estou trabalhando como vendedor de tênis. O lado positivo foi que estudei muito. Por estar em casa, estudei muito e compus muita música. Para o ano que vem, tenho muito material preparado e me tornei outra pessoa no quesito estudo e música.

Você acha que a Prefeitura fomenta o suficiente a cultura e a música na cidade? O que acredita que poderia ser feito por quem governa a cidade para aumentar as oportunidades no meio da música?
Não. Acho que a prefeitura não faz nada. Os melhores projetos culturais públicos são os do SESC. Mas de eventos públicos culturais da cidade, como festivais, é muito raro. O que acontece, às vezes, são pessoas da iniciativa privada que conseguem captar dinheiro de um projeto público. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: JULIA MACHADO

Influencers impactam e conquistam fãs

Influenciadores são destaque para as marcas que trocam mídias convencionais por redes sociais

REPÓRTER: ISABELA BATISTON

Influenciadores digitais são formadores de opinião virtuais que representam uma alternativa para empresas que confiam na comunidade reunida como público-alvo de divulgação. E as marcas têm aproveitado esse momento para estar mais presentes e próximas dos seus consumidores. Na prática, o influencer impacta e conquista seguidores e fãs, através da produção de conteúdo, além de usar as mídias digitais como meio para entregar a informação. Esses profissionais expandiram conceitos de teorias consolidadas sobre a comunicação.
Júlia Machado, ribeirão-pretana, dona de um Instagram que soma mais de 40 mil seguidores, é apaixonada por viagens, morou nos Estados Unidos onde aperfeiçoou seu inglês e mudou-se para São Paulo há pouco tempo para cursar Rádio, TV e Internet na Faculdade Cásper Líbero. Aqui, ela explica sobre influência no Instagram, a era dos influenciadores e como aumentar os níveis de interação com seus públicos nas redes sociais.

MURAL ENTREVISTA – Você atua profissionalmente como influenciadora digital? Desde quando?
JÚLIA MACHADO – Comecei em 2016 como Youtuber e criadora de conteúdo, mas em 2017 comecei a me considerar profissional. Sempre gostei muito de comunicação e me dei bem nessa área. Procuro colocar a minha essência no que faço e acredito que por isso me destaquei.

Acredita que os influenciadores podem convencer o público a fazer a compra de algo?
Com certeza, eu acredito. Muitas vezes, as pessoas se interessavam, queriam comprar porque viu na pessoa e gostou muito. Atualmente, as empresas levam vários pontos em consideração como o(a) modelo, a foto legal, as influências, não só sua perspectiva, não só a vivência com aquele produto e a pessoa acaba se convencendo que aquele é um produto legal. A influência de qualidade vai realmente optar para produtos que eles acreditam e têm um testemunho daquele produto, uma credibilidade.

A partir de quando você começou a se considerar de fato uma influencer?
Quando comecei a ser chamada para eventos. Quando eu comecei a ganhar dinheiro, comecei a realmente fazer uma planilha de questões de conteúdo e comecei a ser chamada como uma influencer.

Vincular o seu nome a uma marca traz pontos positivos para ambas as partes?
Essa vinculação de nome com a marca funciona bastante para os dois lados quando a marca está no seu início e tem a ver com você, a ver com a sua situação que é o seu nicho. As pessoas, consequentemente entendem que são parceiros, que ali tem um vínculo bom, que a pessoa que gosta tanto, acredita naquilo, então os seus seguidores vão acreditar também.

Na última década, a busca por influenciadores cresceu muito e as plataformas têm desenvolvido ferramentas para facilitar os trabalhos. Qual o saldo desses avanços?
Os saldos que eu vejo atualmente são o engajamento que as plataformas estão dando para a gente. A cada ferramenta nova a gente consegue ter um avanço na questão de criação de conteúdo de uma nova geração. A gente está indo de um recurso do YouTube que são sete minutos para os Tik Toks de quinze segundos até um minuto. Esses avanços das plataformas criam uma nova ideia, uma nova onda, então acredito que seja positivo porque a gente pode se tornar conhecido naquilo. Por conta dessa nova onda de vídeos, a gente pode se tornar conhecida, pode ter mais engajamento, pode trazer mais seguidores e novas formas de criar conteúdo.

Em sua visão, os influenciadores podem ser considerados uma nova mídia?
Sim, acredito que já são considerados um novo meio midiático de propaganda. A nova forma de fazer propaganda, a nova estratégia de marketing que as empresas estão optando, inclusive destinando locais. Mas, acredito que tudo se encaixa, como as rádios se encaixaram, a TV se encaixou. Eu acho que isso vai se encaixar com o tempo, as pessoas vão optar por um lado, por outro e não apenas pela influência. Mas, sim, eu acredito que a gente é considerado um novo meio midiático, com certeza.

Qual sua principal dica para os jovens que querem crescer como influenciadores digitais?
A dica principal é: se é seu sonho tem que correr atrás. Mas não se esqueça de ser você mesmo, de ter sua essência. No Instagram criando conteúdo, tem gente de monte. Então seja um diferencial, sabe? Seja você mesmo, que isso já é um diferencial, você é uma pessoa única. Então minha dica não é sobre engajamento, não é sobre estratégia, é sobre ser você. Além disso, busque preparo psicológico, pois tem muita coisa boa e também tem muita coisa ruim nesse mundo, tem comparação, medo e muitas outras coisas. Hoje em dia, um influenciador é olhado como algo perfeito ou até mesmo como quem não trabalha. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: GABRIEL FERREIRA

Lei protege dados digitais dos cidadãos

A nova Lei prevê multas e penalidades às empresas que não assegurarem os dados de seus clientes e usuários

REPÓRTER: ISABELLA DE LIMA

A lei geral de proteção de dados que entrou em vigor em setembro deste ano, já está valendo para as empresas e pessoas físicas de todo o país. É uma lei que faz várias previsões de penalidades, tanto de multas que vão ser aplicadas no futuro pela Agência Nacional de Proteção de Dados, como também eventuais indenizações que podem ser pleiteadas por usuários que tiverem seus dados vazados. A nova legislação vai refletir diretamente na vida de milhões de brasileiros, já que empresas como Facebook e Google, estão se adequando para garantir a proteção de dados que são captadas e rastreadas diariamente. O bacharel em Direito, Gabriel Jorge Ferreira, pós-graduando em Direito da Proteção e Uso de Dados pela PUC Minas e membro do Comitê Público da Associação Nacional de Profissionais de Proteção de Dados (ANPPD), explica que as empresas que não reforçarem seus sistemas de segurança para bloquear hackers ou outros "intrusos" que podem captar dados em suas plataformas estão, desde setembro, em iminência de investigação, repressão de infrações penais e outras penalidades que a legislação especifica.

MURAL ENTREVISTA – Quais são os dados de usuários que as empresas captam e devem armazenar com segurança?
GABRIEL FERREIRA – As empresas captam dados pessoais do usuário com diversas finalidades, cujo uso dependerá da atividade empresarial. São considerados dado pessoais, de acordo com a Lei 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados) qualquer informação relacionada a um indivíduo, como por exemplo nome, sobrenome, data de nascimento, CPF, RG, sexo, e-mail, endereço, telefone, etc. Outra denominação de dado pessoal são os dados pessoais sensíveis, tais como origem racial, convicção religiosa, opinião política, filiação a sindicato, etc.

Essa lei é para todos? Empresas, governos, pessoas físicas?
Sim, com as devidas proporções e competências. A legislação protege os direitos personalíssimos inerentes a um indivíduo, ou seja, protege as pessoas físicas. O uso desses pelas empresas somente poderá ser realizado mediante o consentimento do titular. Estas formalidades serão fiscalizadas pela Agência Nacional de Proteção de Dados, agência de controle do Governo Federal.

Quais são as regras de tratamentos de dados?
As principais regras são: ter sempre o consentimento do usuário sendo este manifestação livre, informada e inequívoca pela qual o titular concorda com o tratamento de seus dados pessoais para uma finalidade determinada, levando em consideração pelo menos dez princípios de finalidade; adequação, necessidade, qualidade dos dados, transparência, segurança, prevenção, não discriminação, responsabilização e prestação de contas.

Quais são as sanções da lei?
As sanções administrativas aplicáveis pela autoridade nacional são desde multa simples de até 2% do faturamento da pessoa jurídica, no total a R$ 50 milhões por infração, multa diária, publicização da infração, bloqueio dos dados pessoais do responsável, eliminação dos dados pessoais do responsável, suspensão parcial, suspensão do exercício e proibição parcial.

Como a empresa tem que se adequar a essa nova lei?
A empresa deve adotar uma série de medidas antes de utilizar qualquer tipo de ferramenta de implementação; tais como criar um comitê para análise e tomadas de decisão; designar um DPO; mapear e entender o ciclo de vida dos dados; adotar regulamentações e padrões de segurança da informação; auditar e monitorar o ambiente; criar um relatório de impacto à proteção de dados pessoais; criar um plano de ação para situações de emergência .

O senhor acredita que essa lei vai beneficiar os cidadãos? De que forma?
Sim, a legislação trará mais segurança aos indivíduos contra o uso indevido de seus dados e vazamento de dados, proporcionando maior informação sobre como os seus dados estão sendo tratados. Não só os cidadãos serão beneficiados, mas também a economia brasileira, que estará apta para entrar em blocos econômicos internacionais, juntamente com países do primeiro mundo.

Como os usuários comuns podem proteger seus dados pessoais de acessos não autorizados?
A melhor forma de proteger seus dados pessoais é verificar o sistema de segurança que a empresa de hospedagem utiliza, bem como sempre estar atento ao aceite de política de privacidade, termo de uso, cookies de rastreamento antes de dar seu consentimento a uma determinada empresa. Em se tratando de um computador pessoal que contém informações pessoais, uma das dicas é ter sempre um bom antivírus e um sistema de criptografia instalado.

Como o cidadão pode saber se foi vítima de possíveis vazamentos? Se foi, como deve proceder?
A empresa tem a obrigação de avisar o titular dos dados sobre o eventual vazamento ou uso indevido, a empresa tem a obrigação legal de informar a ANPD (Agência Nacional de Proteção de Dados) em prazo razoável sobre eventual vazamento, que caso se não o fizer ficará a mercê das penalidades previstas em lei. O cidadão também pode exigir a "prestação de contas" a qualquer momento. Inclusive, exclusão de seus dados. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: LYVIA CORIS

Obstáculos no futebol feminino

“Não é uma conquista fácil”, diz Lyvia Corsi sobre o anúncio da igualização dos salários

REPÓRTER: JÚLIA GATTO

A discriminação da mulher no esporte é algo ainda presente, mesmo nos dias de hoje, em que as pessoas possuem mais meios para obter informações e também estão abrindo mais a mente para questões da igualdade de gênero. Jogadora de futebol de salão e campo, Lyvia Coris, 17 anos, conta sobre os problemas enfrentados por ela e seu time devido à falta de auxílio para o futebol feminino. Nesse ano, a situação está aimda mais complicada devido à pandemia do novo coronavírus que afetou sua rotina de treinos. A entrevistada mora em Águas de Lindóia e joga na cidade vizinha, Monte Sião, no time Minas FutMassa FC. Sua posição em campo varia entre ala/pivô e meia atacante.

MURAL ENTREVISTA – Em qual momento você percebeu que queria se dedicar ao futebol?
LYVIA CORIS - Sempre gostei muito do esporte, assistia na TV e jogava quando dava. Em um determinado momento, quando já estava treinando em uma escola de futebol, um olheiro viu meu jogo e disse que me queria aos 15 anos nos Estados Unidos jogando profissionalmente. Porém, por conta de problemas familiares não consegui ir. A partir desse momento e das palavras do olheiro percebi que tinha/tenho potencial para crescer no futebol e assim foi. Mudei para uma escola de treino exclusivamente para meninas e me dedico a cada dia mais.

Com quantos anos você iniciou na primeira escolinha de futebol?
Com cinco anos e treinava numa escolinha municipal, da cidade em que moro, Águas de Lindóia.

Na escola você chegou a sofrer algum ato preconceituoso por jogar e gostar de futebol?
Na escola que estudava não. Mas na que treinava sim, principalmente por meio do treinador. Por ser um time com a maioria de meninos e eu ser a minoria, o professor não me deixava jogar. Muitas vezes viajava para outra cidade e ele me deixava sentada no banco. Lembro que na época isso me desmotivou bastante, pois ficava nítido que ele não acreditava no meu potencial.

Você prefere jogar em quadra ou em campo? Por que?
Gosto de jogar nos dois, mas me sinto mais livre para armar jogadas nas quadras.

Como funcionam os treinos?
Os treinos costumam ser duas ou três vezes por semana e duram em média 1h30min a 2 horas. Depende da carga de jogos para o final de semana. Por eu ser jogadora da cidade vizinha e estudar em período integral, sobra somente os horários da noite para treino. Eu e as outras meninas da minha cidade que treinamos no mesmo time vamos de ônibus, pagos por meio de vaquinhas feitas entre nós, ou quando temos algum problema que não conseguimos pagar o dirigente tenta vir buscar a gente aqui em Águas de Lindóia.

Como é seu dia a dia? Qual é a carga horária de treinamento? Viaja muito para jogar?
Meu dia a dia – antes da pandemia - é lotado, de manhã até o final da tarde tenho aula, porque como disse antes minha escola é em período integral. Na parte da noite, os dias que não tenho treino, estudo para as provas. A questão de viajar é relativa, pois tem temporada que sábado e domingo tenho jogos e nenhum descanso; e também tem finais de semana tranquilos, que eu saio com meus amigos para me distrair e foco nos estudos.

Quem é sua inspiração no futebol?
Não tenho uma figura, mas todas as mulheres que se doam e lutam pela representatividade do futebol feminino me inspiram e fazem com que eu continue.

Com a pandemia, os treinos e campeonatos foram suspensos, como funciona sua rotina de treino na quarentena?
No inicio da quarentena não tínhamos treinos algum, ficava por nossa conta treinar o básico em casa. Há algumas semanas, nós jogadoras resolvemos fazer uma “vaquinha” para começar alugar um espaço para treinarmos. Decidimos que seria durante os sábados, pois era mais fácil e ajustável na rotina de todas.

No começo do mês, a CBF, anunciou o valor igual do salário de jogadores e jogadoras da seleção. O que você acha disso?
Não é uma conquista fácil! Um pouco tardio, mas essa notícia trouxe esperança a nós jogadoras. Esses dias eu estava vendo que os jogos femininos serão transmitidos na Globo, porém às 15h da tarde não tem condições de um jogo ter 100% de aproveitamento. Mas já algo conquistado, pois antes só se tinha acesso ao futebol feminino canais de TV fechada. Outra coisa foi ano passado ter sido o primeiro ano que a Copa do Mundo Feminina foi televisionada por uma grande emissora de TV aberta, como a Globo. Espero que continue aumentando a visibilidade do futebol feminino, pois nós merecemos e lutamos contra o preconceito e o machismo.

Como você espera que seja a volta aos gramados e às quadras?
No futebol feminino voltou há pouco tempo, e até agora, o que estou acompanhando do Campeonato Brasileiro, as medidas de prevenção estão sendo tomadas corretamente. Porém, para o meu time e os demais times do interior acho que ainda pode demorar para os campeonatos e as partidas voltarem como antes, uma vez que somos menores de idade e nossos pais que tomam as decisões. Não acho que os meus e nem das minhas companheiras de equipe vão deixar nos arriscarmos ao vírus enquanto não houver uma vacina preventiva. Espero que seja solucionado rápido para voltarmos aos gramados e quadras. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: DUDA HIDALGO

“A juventude luta com brilho nos olhos”

Vereadora mais jovem eleita em 2020, Duda Hidalgo fala sobre o engajamento dos jovens na política

REPÓRTER: LARISSA VIEIRA

Ribeirão Preto teve 605 candidatos concorrendo ao Legislativo nas eleições municipais de 2020. Entre esses, a faixa etária variou dos 20 aos 84 anos, tendo 24 candidatos com idade inferior a 30 anos. Em relação às mulheres, minoria na disputa, a realidade encontrada era de 192 candidatas, sendo que apenas nove delas têm menos que 30 anos. Uma dessas, é Duda Hidalgo, a vereadora mais jovem eleita na história da cidade. Duda assumirá o cargo com 21 anos e em uma conversa com o MURAL ENTREVISTA refletiu sobre a atuação da juventude no cenário político atual e os desafios encontrados por esses jovens.

MURAL ENTREVISTA – Como você avalia a participação do jovem na política brasileira?
DUDA HIDALGO – Eu acho que existe uma grande desilusão do próprio jovem quanto ao seu poder de atuação, mas se pensarmos a própria história da democracia, ela se confunde com a história do movimento de juventude. É preciso romper com essa desilusão e entender a força que temos. Ano passado em Ribeirão Preto conseguimos levar 5 mil estudantes às ruas. É muita gente. Precisamos ter noção dessa dimensão, da mobilização que a juventude tem. Eu acredito que a juventude ainda luta com brilho nos olhos na construção de um mundo novo, e essa é a diferença.

Quais são os fatores que mais desmotivam os jovens em relação à participação política?
Eu acredito que exista muito etarismo - discriminação etária - e eu senti muito isso na minha candidatura. As pessoas sempre falam: “nossa, mas você é tão nova e vai entrar para a política”, como se isso fosse um grande impeditivo. Mas, os jovens estão aqui para mudar essa realidade, a gente também tem ideias, contribuições e no fim a juventude acaba construindo um movimento de pertencimento à cidade, entendendo o que a gente pode mudar dentro da nossa realidade. Fazemos parte da cidade, somos cidadãos como quaisquer outros, independente da idade.

A falta de informações é um desses fatores que faz com que os jovens se afastem da política?
Sim, pois não é um ambiente convidativo. Eu defendo que as pessoas participem desses espaços, elas precisam entender que aquilo ali é um direito delas, participar e opinar. Eu acho que falta esse convite, essa convocação, assim como falta elas se sentirem acolhidas, porque no geral esses espaços acabam sendo mal conduzidos e as pessoas não se sentem ouvidas. Parece que tudo aquilo é uma formalidade, um protocolo que precisa ser seguido. E essa participação popular faz diferença e é algo que eu acredito muito, algo que deve ser ouvido.

Quais são as consequências no campo ideológico da política brasileira resultantes da ausência dos jovens?
A total falta de representatividade e não só na questão da juventude. Aqui em Ribeirão Preto, temos [na atual legislatura que se encerra neste dezembro de 2020] uma única mulher na Câmara, não tem nenhum LGBTQIA+, não tem negros e nem tampouco jovens. Representatividade importa, a gente precisa ter nossa voz representada.

Quais são os primeiros passos do cidadão que deseja exercer sua cidadania?
Além do voto, é buscar participar dos mecanismos de participação disponíveis. Participar de audiência pública, ir nas audiências da Câmara, entender o que está acontecendo na cidade e questionar. Eu frequento há muito tempo as audiências da Câmara e infelizmente aquele é um espaço muito vazio, no geral gira em torno de cinco pessoas assistindo. É importante buscar saber o que acontece no dia-a-dia, mas se você não tiver condições de participar de uma audiência pública, de fazer nenhuma dessas coisas, busque se informar pelos veículos de mídia da sua cidade. Esses veículos denunciam ocorrências dentro da cidade, como as desocupações que aconteceram, a falta de água e tantos outros. Servem como parâmetro para compreender o que está acontecendo e o que está deixando de acontecer.

A renovação da política brasileira implica quais desafios aos jovens?
Eu acho que a gente tem que devolver a esperança para as pessoas. Infelizmente, muita gente perdeu a esperança na política e não se interessa mais nem em votar. Eu acredito que esse seja um dos nossos grandes desafios, fazer com que as pessoas voltem a debater política e tenham esperança na construção de um mundo diferente daquele que temos hoje.

Como a internet contribui para a participação na política?
Não há publicação que substitua o presencial. A internet colabora muito para a mobilização, até mesmo durante a pandemia precisamos recorrer a essas mobilizações virtuais, como o “tuitaço” por exemplo, mas eu acredito que mesmo ela ajudando nessa parte de mobilizar as pessoas, é preciso entender que não é só ali, que aquele não é o único espaço de militância.

Politicamente falando, como você deseja que seja o Brasil no futuro?
Eu quero um Brasil mais representativo e menos desigual em todo os aspectos. A gente vive em um país muito desigual. Aqui em Ribeirão Preto temos 44 mil pessoas morando em favelas e esse único lugar que elas possuem é taxado de irregular. É um absurdo uma cidade onde parte das pessoas não têm espaço. Além disso, a gente tem desigualdade racial, social e de gênero, de forma latente na cidade, no estado, no país. Por isso, precisamos começar a pensar um Brasil do centro à periferia. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: JULIANA BONONI

Efeito pandemia no consumo de vestuário

Novos hábitos na maneira de se vestir já estão sendo usados por um consumidor mais consciente

REPÓRTER: LUIZ FELIPE BUENO

A pandemia do novo coronavírus trouxe novos hábitos e comportamentos na maneira de se vestir. Especialistas apontam que essa mudança ocorreu pela preocupação do consumidor com o modo de produção das roupas e uma maior cobrança pela transparência das marcas. Esses fatores representam a politização do novo cliente que preza pelo conforto, versatilidade e sustentabilidade.
O cultivo do movimento minimalista e do consumo consciente ganha mais força com o passar do tempo. Peças duradouras e atemporais já marcam o rumo da moda e devem ocupar cada vez mais espaço nos guarda-roupas. Empresas como Forever 21 e H&M, varejistas que seguem o modelo Fast Fashion, enfrentam dificuldades para se manter no mercado. Juliana Bononi Serra, coordenadora de curso e docente de Modelagem e Estudo de Materiais, em um curso de Moda em Ribeirão Preto, é mestre em Design de Produto pela Unesp Bauru e doutoranda nesse mesmo curso e explica que o mercado de moda pós-pandemia não será o mesmo.

MURAL ENTREVISTA – A pandemia alterou o consumo de roupas de vestuário? De que forma?
JULIANA BONONI – Sim. O consumo passou a ser quase todo online. As pessoas têm comprado menos e evitado ir às lojas. Em relação ao vestuário, aumentou a venda de pijamas e roupas para ficar em casa. Peças que priorizam o conforto também tiveram alta de vendas nesta pandemia.

Além das confecções de máscaras, luvas e outros utensílios básicos para prevenção do coronavírus, o que mais pode ser colocado como positivo pelo setor durante essa grande crise mundial?
A criação dos tecidos tecnológicos que estão sendo inventados e que ajudam a eliminar o vírus mais rápido. Então nós temos essa parte da tecnologia trabalhando a nosso favor, inclusive no setor têxtil.

A busca por peças duráveis e mais versáteis que se encaixam em diferentes ambientes vai continuar em alta após a pandemia? Qual outro comportamento na forma de se vestir pode aparecer futuramente?
Sim, nós teremos algumas mudanças nos hábitos de consumo, mas essas mudanças são difíceis de prever agora. Tivemos a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais que também causaram grandes impactos na moda e nos comportamentos das pessoas. Mas, é muito difícil para nós pensarmos em futuras alterações de comportamento.

O consumo consciente é muito bom sob o ponto de vista social e ambiental, mas financeiramente ele pode afetar as indústrias?
Então, nós vemos os tecidos tecnológicos e as marcas sustentáveis já cumprindo um novo papel na sociedade. Mas, essas marcas pautadas na sustentabilidade têm ainda um valor agregado muito alto e muitos consumidores não têm condições financeiras de usar essas peças. Eu acho que esse conceito precisa ser revisto no mundo da moda, para não afetar a renda das indústrias.

Como surgem novas tendências?
De uma forma muito mais rápida, porque a moda precisa ser ágil. O consumidor está mais exigente devido à rapidez dos meios de comunicação e à quantidade de informações que recebemos.

Como funciona a cadeia têxtil da moda?
Primeiro é pensado na fibra que está em maior produção e atenderá melhor às demandas do consumidor. Durante essa fase são criados diversos projetos pelas indústrias, até chegarem aos estilistas e designers de moda que decidem, a partir do que foi produzido pela indústria têxtil, o que será lançado no mercado, surgindo assim tendências, conhecidas também como macrotendências.

Há um ano, a Forever 21 declarou falência nos Estados Unidos e anunciou que vão ser fechadas cerca de 350 lojas ao redor do mundo. A empresa segue o modelo Fast Fashion. Quais os riscos de assumir tal molde nos dias de hoje?
A Forever é uma marca descartável e completamente atemporal. Esse segmento está mexendo muito com o consumidor, porque as roupas, quando descartadas de maneira incorreta, poluem muito o meio-ambiente. E as pessoas estão revendo seus conceitos e pensando mais no planeta. Isso tudo é o que causa perda de espaço no mercado dessas empresas que seguem o modelo Fast Fashion.

Hoje, um dos assuntos mais comentados no setor, refere-se ao modo de produção das marcas e a necessidade de transparência com o consumidor. Nesse sentido, o que mudou durante a pandemia e o que permanecerá depois do isolamento social?
A pandemia veio justamente para mudar nossos valores e pensarmos mais no outro, no planeta e no futuro. Algumas marcas já estão preocupadas com seu modo de produção e isso já está alterando o comportamento das pessoas na forma como se vestem e consomem. A sociedade talvez precise de mais tempo para se conscientizar, ecologicamente falando, mas a pandemia trouxe principalmente essa mudança nos hábitos de consumo. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: WAGNER ROMÃO

Mudanças no cenário empresarial

90% das empresas tiveram que se adaptar a novas formas de trabalho devido à pandemia da Covid-19

REPÓRTER: MARCELO PASTORE

Quase 90% das empresas brasileiras promoveram alguma alteração no seu modo de operação durante a pandemia da Covid-19, segundo levantamento do Ibre/FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas). As mudanças implementadas durante este período podem virar rotina para até sete em cada dez empresas. Entre os que devem manter as novas práticas se destacam a indústria de informática e eletrônicos, os serviços de informação e comunicação e os supermercados. Wagner Romão, 45 anos, executivo responsável pelo mercado de utilities (mercado de utilidade pública de água e energia elétrica, por exemplo) da empresa SAP, líder de mercado em soluções de software empresarial, explica as mudanças e dificuldades que as empresas estão passando neste momento.

MURAL ENTREVISTA – Quais foram as principais mudanças que as empresas tiveram que realizar durante a pandemia para continuar atuando e, ao mesmo tempo, atendendo às normas de segurança de seus funcionários e de seus clientes?
WAGNER ROMÃO – A principal mudança, por ser um vírus que se espalha rapidamente, foi colocar todos os funcionários remotamente. Em um segundo momento as empresas começaram a olhar e consultar advogados para entender o funcionamento em horários fora do expediente. Entendo que é um momento complicado, um momento sem precedentes, no qual as pessoas estão tendo que se adaptar a esse novo jeito de trabalhar.

Quais os maiores desafios que as empresas tiveram que superar para implantar as mudanças necessárias?
Algumas empresas, principalmente as de tecnologia, não tiveram muitos problemas, pois já estão acostumados a trabalhar com recursos tecnológicos e de forma remota. Já para empresas de outros ramos foi um desafio por ter que garantir que seus funcionários tenham recursos e estrutura tecnológica para que o trabalho de forma remota seja da mesma qualidade que o trabalho presencial.

Na sua avaliação, dessas mudanças, quais as principais a serem incorporadas à gestão das empresas e permanecerão pós-pandemia?
O que eu entendo é que para o futuro, as empresas vão dar a possibilidade para que os próprios funcionários escolham a forma que eles gostariam de trabalhar: de forma remota ou presencial. Mas isso não é possível para qualquer profissional, se considerarmos, por exemplo, um profissional de linha de produção em uma indústria é impossível trabalhar remotamente. Além disso, há uma possibilidade de redução dos escritórios com o trabalho à distância.

O que mais garante a sobrevivência de uma empresa numa crise como esta?
De maneira geral é importante que as empresas tenham uma musculatura financeira para passar por este momento, ou não vão conseguir sobreviver. Além disso, é essencial se reinventar e buscar maneiras alternativas para se sobressair no mercado.

Quais são as principais tecnologias aplicadas à gestão que uma empresa moderna, contemporânea não pode prescindir?
As empresas modernas têm que utilizar o máximo possível de tecnologia com intuito de poder se comunicar remotamente. Um outro detalhe muito importante é conseguir dar as ferramentas de gestão pelo meio online para seus funcionários. Ou seja, de qualquer lugar que o funcionário estiver, ele poderá acessar o sistema interno, o processo de compras e de faturamentos da empresa.

Quais as chances de sobrevivência de uma empresa que acredita ser possível tudo voltar ao que era considerado normal após a pandemia?
Voltar ao 100% da normalidade acho difícil. As empresas que souberem se reinventar, com certeza vão ter novas oportunidades e alternativas de receita. Agora, aquelas que não entenderem o momento no qual estamos vivendo, dificilmente vão conseguir ir longe.

A tecnologia realmente supre todas as necessidades do trabalho presencial?
Todo trabalho operacional que é possível realizar de forma remota, eu acredito que sim. Agora, tem um detalhe, nós somos um povo latino e a proximidade é muito importante para um melhor desempenho. De uma certa forma sentimos um pouco essa falta de convivência, isso é cultural. Mas, é claro que isso não impede de fazermos nossas tarefas, nós temos que se adaptar para o que der e vier.

Como os funcionários das empresas devem se portar e se preparar para esse novo normal pós-pandemia? Quais competências, habilidades são mais importantes para se manter no trabalho e gerar oportunidades de crescimento profissional durante uma crise sem precedentes como esta e com alta taxa de desemprego?
Os profissionais que querem se diferenciar vão ter que se adaptar e se especializar em tecnologia, trabalhando de forma remota utilizando todos os os recursos disponíveis. Um exemplo disso é a planilha que é trabalhada de forma compartilhada com seu companheiro nos dias de hoje pelo meio online.

Por ser executivo de uma empresa alemã, acredito que o senhor viajava bastante. Como está sendo sua rotina de trabalho em casa?
Para mim, a rotina de trabalho remota não era um segredo, era algo já habitual, pois em uma empresa global de tecnologia é muito constante trabalhar de casa. O escritório, na verdade utilizamos mais para reuniões. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: RODRIGO TEASER

“Não planejei ser cover do Michael Jackson”

Após a morte do artista, Rodrigo Teaser criou o show “Tributo ao Rei do Pop” e fez sucesso

REPÓRTER: MARIA EDUARDA FRANCISCO

No mundo há covers em praticamente todos os gêneros musicais, num fenômeno que ganhou muito impulso, sobretudo a partir da década de 1990. São artistas que além de tocarem músicas, usam roupas, trejeitos e acessórios similares aos originais. “É uma mistura de vocação, dom e muita dedicação”, diz Rodrigo Teaser, cover de Michael Jackson desde 2010. Para ele, sua profissão é ser cantor e o show “Tributo ao Rei do Pop” é uma das facetas na qual ele pode se realizar como artista. Teaser conta como é estar dentro do mundo cover e quais são as dificuldades e facilidades que encontra. Desde a morte de Jackson, em 2009, a procura por shows de seus imitadores aumentou cerca de 300%, e diante disso, surgiram diversos covers. Porém, segundo a Sony Music, Rodrigo Teaser é o cover oficial do Rei do Pop.

MURAL ENTREVISTA – Antes de trabalhar como cover, o senhor exercia outra profissão?
RODRIGO TEASER – Não planejei ser cover e fazer tributo, isso tudo foi acontecendo. As coisas foram acontecendo de forma muito natural e tudo o que eu fiz sempre foi relacionado à arte, à dança, à música, produção de show, produção de evento. Sempre estive ligado a isso.

E atualmente, além de cover, o senhor tem outro trabalho?
Na verdade, além de fazer o tributo, eu tenho minhas próprias composições. O que eu faço no tributo é cantar, então digo que minha profissão é ser cantor.

O senhor sempre quis ser artista?
Sempre, desde quando eu comecei a pensar no que eu poderia ser, foi algo relacionado à arte. Meus pensamentos sempre foram voltados a isso.

Como criou seu nome artístico?
Lá fora, o Michael sempre fazia os teasers de lançamento de cada produto. Todo teaser dele tinha um nome e quando ele lançou o álbum History, ele o nomeou de teaser. E alguns anos depois, todas as pessoas que eu conhecia que eram fãs do Michael, usavam o nome e como sobrenome usavam uma música dele. Quando eu fui fazer o meu, não sobrou mais nenhuma música, foi então que coloquei Teaser.

Como foi sua preparação para essa atuação artística?
No caso de alguém que faz o trabalho que eu faço, existe uma parte da tarefa que você não vai ter, que é criar, pois a obra já foi criada. Então, toda energia que você usaria para criar, você vai ter que usar para reproduzir com qualidade, pois a obra do Michael é muito cheia de detalhes e manter esses detalhes é o que faz meu trabalho ser destacável.

Qual é a maior dificuldade de um cover?
A primeira dificuldade é você chegar para uma casa de shows que recebe Ivete Sangalo e mostrar para eles que você tem um show que merece estar ali. E a dificuldade constante é justamente a barreira de você juntar o canto e a dança e fazer isso tudo ter sentido, pois não foi criado por mim, então a naturalidade de quem cria, é única.

Um cover tem um salário específico ou depende de cada show?
No ramo artístico não existe uma tabela específica, não é fácil, então temos que estar muito dispostos a arriscar. Não ganho o mesmo todo show, pois o nosso é um show que vive sem patrocínio, ele vive exclusivamente do público. Corremos o risco do público não comparecer e vamos sair de lá sabendo que financeiramente não foi bom.

E por que cover do Michael Jackson? O que o artista representa para o senhor?
Nunca pensei em fazer um cover que não fosse dele, pois minha pesquisa sempre foi muito aprofundada e voltada ao Michael. Está tão além do que posso explicar, me sinto confortável vestido de Michael, porque em nenhum momento meu sentimento é de ocupar o lugar dele. É um encantamento e minha relação com ele nasce muito da gratidão.

A família de Michael teve que autorizar?
Não há necessidade dessa permissão. Eu posso fazer shows, mas tenho a obrigação de recolher o direito autoral das canções que apresento naquele espetáculo. Nas apresentações, não posso usar a voz do Michael, vídeos deles e também não posso usar a marca que é o nome Michael Jackson. Meu show chama-se Tributo ao Rei do Pop. O nome Michael Jackson pode vir no explicativo, mas nunca no nome do show.

Como conseguiu o contato com Lavelle Smith, coreógrafo de Michael Jackson?
Quando surgiu o Facebook, pesquisei pelas pessoas que conheciam o Michael, foi então que achei alguns e mandei mensagem de fã mesmo. Algumas dessas pessoas me responderam, e quando o Lavelle me respondeu, eu já havia estreado o “Tributo”. Contei a ele sobre meu show e como tudo foi produzido, ele viu e me respondeu dizendo que quando eu tivesse uma data importante, ele iria querer participar.

Como foi sua experiência em Neverland?
Foi incrível. É fechado e é proibido para visitação, conseguimos por conta de uma pessoa que tomou conhecimento do meu trabalho e essa pessoa tem contato de alguém que faz parte da empresa que administra a Neverland, e por conta disso eles viram meu trabalho e nos deixaram entrar. Foi incrível mesmo, era para ter ficado duas horas lá dentro e acabamos ficando quatro. Eu pude conhecer tudo, desde cinema ao zoológico, enfim, foi fantástico, não consigo imaginar morar em um lugar que já tem tudo. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: RAFAEL REIS

“Sempre quis trabalhar com esportes”

Rafael Reis assistia quinze jogos por semana porque queria se especializar em jornalismo esportivo

REPÓRTER: MARIA JÚLIA DE OLIVEIRA

Rafael Reis é jornalista formado pela Universidade Estadual de Londrina e mestre em Comunicação pela Fundação Cásper Líbero. Trabalhou como repórter de esportes no jornal Folha de S. Paulo e hoje é autor de um blog sobre futebol internacional no portal UOL, além de ser professor no curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Rafael sempre quis seguir carreira em jornalismo esportivo mesmo antes de entrar na faculdade, e chegava a assistir quinze jogos por semana para pegar experiência. Nesta entrevista, o jornalista conta um pouco de sua experiência no futebol brasileiro e internacional em seus 14 anos de carreira esportiva.

MURAL ENTREVISTA – Como o senhor se especializou em jornalismo esportivo?
RAFAEL REIS – Na prática, estou no jornalismo há 14 anos e eu nunca fiz um curso de jornalismo esportivo na vida. Eu sempre quis trabalhar com esportes, mesmo antes de entrar na faculdade e durante a faculdade eu comecei a tentar escrever mais sobre esportes.

Quais habilidades são necessárias para se tornar um jornalista esportivo?
Algumas habilidades você adquire com leitura e escrita, o básico está ligado a ler muito e escrever. A curiosidade que você precisa cultivar, o senso crítico para desconfiar de tudo sempre e ter o costume de ver esportes, assistir o máximo de competições que conseguir.

Como o senhor levanta a pauta e informações para sua coluna no UOL? Como é seu processo de produção da coluna?
Não sei te falar muito bem como brotam as pautas, elas simplesmente brotam. Eu acho que tem a ver com o tempo de trabalho que eu tenho, eu leio muitos veículos internacionais por dia e sigo muitos jornalistas de outros países no Twitter. Você tem sempre que se manter bem informado para perceber o que está acontecendo e sugerir pautas. Eu sou muito organizado e tenho um banco de pautas muito grande para quando não tiver nada para publicar eu publicar alguma delas ou, às vezes, quando acontece algum fato, esquenta alguma delas e faz com que elas se tornem relevantes. Acho que tem a ver também com o tanto que a gente já viveu esse mundo.

Quem são suas fontes e como o senhor as conquistou?
Eu não faço um jornalismo tão investigativo, então eu não tenho fontes tão fortes e formais que eu falo toda semana ou todos os dias porque eu não investigo tanto, sou mais um contador de histórias. Algumas coisas a gente tem sim que apurar e eu tenho algumas poucas fontes que são relacionamentos de anos, pois conforme você vai falando com a pessoa você cria um tipo de relacionamento que te permite que ela te passe algumas informações um pouco mais profundas, que ela não passaria pra qualquer um. Mas, algumas vezes as fontes te procuram por quem você é e pela visibilidade que você tem.

Antes de ser colunista na UOL, qual área de atuação na editoria de esportes da Folha de São S. Paulo? Cobria times? Quais?
Eu sempre trabalhei com esportes e fiquei nove anos trabalhando exclusivamente pro site como redator na maior parte do tempo, escrevendo sobre tudo. Em 2010 comecei a fazer mais coisas pro jornal impresso e virei setorista de clubes como Palmeiras, São Paulo. Em 2014 virei setorista de futebol internacional.

Quais as dificuldades na cobertura de um time de futebol?
Cobrir um time é muito pesado por alguns motivos. O primeiro e talvez pior de todos é a torcida porque muitas vezes ele não aceita críticas e a outra coisa, que é um pouco mais chata, é o excesso de concorrência.

Já cobriu jogos internacionais? Quais?
Como setorista de um clube não, eu cubro o futebol internacional como um todo.

Você já trabalhou em algum jogo de Copa do Mundo?
Já trabalhei sim, eu cobri pela TV as copas de 2006, 2010 e 2018. Em 2014, eu cobri todos os sete jogos no Maracanã, incluindo a final e foi um dos momentos mais legais da minha carreira.

Qual foi o momento mais marcante da sua carreira?
O primeiro jogo de Copa que eu cobri entre Argentina e Bósnia, em 2014.

Além do futebol, já atuou em outras modalidades esportivas?
Quando eu estava na Folha Online eu cobria todos os esportes. Já cheguei até a fazer matérias sobre Curling, que é um jogo dos Jogos o Olímpicos de Inverno em quem eles jogam um disco e fica um pessoal varrendo na frente para mexer com o atrito e mudar a direção e acelerar o gelo. Eu cheguei até a jogar para poder fazer a matéria.

Qual momento do esporte que você não estava presente e gostaria de viver?
Eu gostaria de ter acompanhado a Holanda de 1974, e a revolução que ela causou. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: THESPIDERKONG

O Fifa vem piorando a cada ano

O jogo virtual de futebol recebe mais críticas a cada nova versão lançada e desanima seus jogadores

REPÓRTER: MAURO MARINHO

A empresa de games EA é a responsável pelo jogo FIFA e vem sofrendo muitas críticas. Reclamações são feitas sobre as últimas versões do jogo e o interesse dos praticantes cai ano após ano. Conexão ruim, preço elevado e até péssima jogabilidade são algumas das opiniões controversas desferidas pelos players. Para complicar, o FIFA 20 foi o mais criticado pelos jogadores e o que mais despertou comentários negativos. Miguel Bilhar, conhecido como TheSpiderKong é um jogador profissional de FIFA e já disputou muitos campeonatos pelo mundo. Atua no cenário competitivo desde 2017 e em seu currículo tem o 9° lugar no ranking do FIFA, 1° lugar como brasileiro, campeão do campeonato entre brasileiros, e 4° lugar nas duas principais competições de FIFA em 2019. É ele quem analisa o FIFA para o MURAL ENTREVISTA

MURAL ENTREVISTA: Como foi entrar no cenário competitivo do FIFA? Quando e como você percebeu que era melhor que os jogadores casuais a ponto de se tornar um jogador profissional?
TheSpiderKong: Desde criança já me sentia bom no jogo. Sempre ganhava dos meus amigos. Mas, antigamente não tinha como saber quem realmente era bom. No FIFA 17 quando a EA adicionou a WL (Weekend League), deu para ver as pessoas que se destacavam por causa do ranking. Foi uma evolução gradativa. Com o passar do tempo eu consegui manter uma boa classificação, fui convidado para o campeonato brasileiro de FIFA e acabei ganhando. Foi quando eu vi que era bom no jogo e que poderia continuar no cenário competitivo.

Você joga FIFA desde que ano? Qual o melhor FIFA e por que?
Eu jogo FIFA desde sempre. Gostava de jogos de futebol e uni essas duas paixões. Eu acho injusto comparar os FIFAS antigos com os atuais. Vou comparar os que eu competi e o melhor, sem dúvida, é o 17. Foi o que tinha mais opções ofensivas no game e quem ganhava as partidas era realmente quem jogava melhor.

Qual foi a melhor coisa que a EA já incrementou no jogo e qual a pior?
Como melhor só consigo pensar nos dribles analógicos que foram adicionados há vários anos. Recente não consigo pensar, para ser sincero. Mas, a pior foram as táticas personalizadas, que deixaram o jogo muito automático.

Qual a coisa que mais te irrita no FIFA em geral?
Muita coisa me irrita no FIFA. Mas o fato dele estar cada vez mais automático e as pessoas se apoiando nisso, deixando a inteligência artificial jogar sozinha, é o que mais me irrita. Com certeza é essa automatização, o jogo ser dependente de apenas uma jogada e as pessoas se apoiando nisso.

Qual sua principal reclamação sobre o FIFA 20 e por que ele é tão criticado por jogadores casuais e profissionais?
Na minha opinião, o FIFA 20 é o pior de todos porque ele é chato. Essa é uma palavra para descrever o FIFA 20: "chato". É um jogo muito parado, a defesa é automática, as jogadas parecem ser sempre as mesmas.

Você acredita na melhoria do FIFA? O que espera do FIFA 21? Acha que a EA vai conseguir recuperar a animação dos jogadores?
Acreditar na melhora a gente sempre acredita, mas para o FIFA 21 acho difícil, é o último jogo da geração. Acho que a própria EA está focada na próxima geração. Para a EA conseguir recuperar a empolgação vai ter que nos surpreender muito, de maneira positiva.

Se você tivesse a oportunidade de melhorar algo no FIFA, o que seria e por que?
Com certeza seria deixar mais manual, acabar com toda movimentação automática. Isso daria um up muito grande no skill gap e quem realmente soubesse jogar o jogo ganharia as partidas. Acho que essas coisas fariam o jogo ter mais skill e ser menos chato.

Você está com vontade de jogar o novo FIFA?
Vontade a gente sempre tem. É algo novo, que te dá um ânimo. Montar um time do zero, conhecer o jogo, pensar na temporada. No início é sempre legal. Só espero que essa animação não se perca com o tempo como foi nos últimos e principalmente no 20.

O que você espera do cenário competitivo do FIFA 21? Quais brasileiros você acha que podem se destacar?
Esse ano é difícil esperar muita coisa e provavelmente não teremos os presenciais. Espero que tenham vários campeonatos online. Sobre os brasileiros, acho que apostaria no Zezinho, Resende, Fifilza, Paulo Neto. O que não falta é brasileiro bom.

Recentemente, a EA aumentou o preço dos Fifa Points ainda na versão anterior do jogo. Como você acha que isso irá abalar o cenário competitivo?
Foi um erro grave. Nós ficamos esperando notícias do competitivo para comprar os Fifa Points. O aumento era óbvio que iria acontecer por causa do reajuste do dólar. Mas o que não faz sentido é ter aumentado no FIFA 20 justamente na época em que saíram notícias do competitivo do FIFA 21.

Você tem conhecimento de outros jogos que enfrentaram ou estão enfrentando um período de baixa assim tão forte como esse vivido nos últimos anos pelo FIFA?
Acho que como o FIFA é um jogo anual é normal ter esses períodos de baixa. O problema é que no FIFA isso está acontecendo cada vez mais cedo e não sei de nenhum que seja tão claro como o FIFA.

Você já pensou em tornar jogador de outros games?
Pensar eu já pensei, mas falta qualidade. Queria muito ser jogador profissional de CS (Counter-Strike), que é um jogo que eu adoro, mas falta qualidade. E agora também já é tarde, acho que até pela minha idade e por já estar inserido em um cenário competitivo de FIFA. Acho que já passou o timing de tentar outro jogo, e também acho que meu talento é no FIFA mesmo. Mas adoraria ser pro de CS. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: THIAGO APOLINÁRIO

Dependências crescem na pandemia

Psiquiatra explica o aumento dos vícios causados pelo estresse, medo e isolamento social

REPÓRTER: OTÁVIO GENTIL

O isolamento social tem sido um motivo muito forte para aflorar vícios, segundo especialistas que estão acompanhando as mudanças comportamentais decorrentes da pandemia. Com a reclusão da população em suas casas, certos tipos de drogas, especialmente as legalizadas, foram usadas como instrumentos para fugir um pouco da realidade. Vários estudos foram feitos com parte da população, não só no Brasil, e foi detectado que muitas pessoas aumentaram o consumo de cigarros e, principalmente, do álcool. Além desse aumento, o isolamento dificulta também o tratamento das dependências, visto que costumam presenciais ou, em situações um pouco mais avançadas, até mesmo em clínicas de reabilitação. O psiquiatra Thiago Dornela Apolinário da Silva explica as maneiras de tratar os vícios e como esses acontecimentos podem ter uma reverberação no futuro.

MURAL ENTREVISTA – É um fato que os vícios cresceram durante a pandemia?
Thiago Apolinário – Sim, isso é verdade. Principalmente o álcool e outras drogas também. E isso tem sido visto ao redor no mundo, e não só no Brasil.

O Brasil, então, teve alta nos vícios, como visto em outros países?
O atual governo não investiu em saúde mental e adotou uma política de aumento de incentivos a serviços de residência terapêutica e comunidades terapêuticas religiosas. Uma outra questão é que a pandemia drenou todos os recursos para si, levando assim algumas doenças crônicas a serem mais descuidadas durante esse período.

Por que os vícios se intensificaram no período do isolamento social?
Temos alguns fatores para responder isso. Um deles seria o fato de que as pessoas têm menos recursos sociais e de lazer, sendo que esses são essenciais para o equilíbrio mental. Podemos falar também do aumento do estresse, pois a pandemia trouxe com ela medos, além do próprio isolamento que acabou tirando as pessoas de convívios sociais. Tudo isso, levou as pessoas a buscarem formas de alívios em ações que poderiam ser feitas em casa, como beber ou usar drogas. E essas formas de alívio, podem se tornar dependências.

Ao voltarmos pouco a pouco à normalidade, essa dependência irá piorar ou melhorar?
A questão da dependência é um fator multifatorial. A genética e o ambiente são um deles. Porém, essa pergunta é muito difícil de ser respondida pelo fato de que depois da pandemia surgirão outros fatores, como uma possível crise financeira, perda de emprego, que poderá piorar algumas dependências.

Essas dependências, como o senhor disse, poderão perdurar mesmo após a pandemia?
Sim, tanto pelas situações de desemprego e possíveis perdas familiares quanto pelo reforço que foi instalado por muito tempo. Para pessoas que podem ser um pouco mais vulneráveis, o fator pós pandemia pode ser muito prejudicial, caso não tenha feito um tratamento.

Como é possível a própria pessoa identificar que o consumo de bebidas ou remédios viraram vícios?
A pessoa deve perguntar-se: "qual o meu padrão de uso de substâncias?"; "esse padrão mudou durante a pandemia?"; "será que isso virou um problema?"; "isso teve alguma repercussão negativa na minha vida?". Além disso, a pessoa deve tentar perceber se ela deixa de fazer algumas coisas por conta do vício, ou até por problemas físicos como vários dias seguidos com ressaca, ou problemas de gastrite.

Caso a pessoa consiga identificar que está com uma dependência, qual seria o melhor jeito de reverter essa situação?
Ela deve passar primeiramente por uma avaliação médica e também procurar um psiquiatra. Em cidades pequenas, a pessoa pode recorrer a médicos da família ou médicos de postos de saúde. Em casos mais graves, a internação é aconselhada, porém somente em situações em que o próprio paciente coloca em risco outras vidas e até a sua própria.

Qual é a substância com maior risco de dependência?
Não temos como falar isso, pois temos muitas drogas lícitas que muitas pessoas fazem o uso e podem ser fatal. Para exemplificar, temos o álcool, e quando uma pessoa ingere e logo depois vai dirigir, muitas vezes pode acabar em acidentes; além de outras situações que podem vir a acontecer com o uso do álcool. Temos a maconha também que, muitas vezes é vista como uma droga leve, mas está associada à esquizofrenia. Portanto, não é didático ranquearmos as drogas.

Existem pessoas com predisposição genética à dependência?
Existe sim, e pode não ser para mesma substância. A base da dependência é uma ativação no sistema de recompensa que está relacionado às funções de sobrevivência do indivíduo e da espécie. Ações que dão prazer sempre estarão relacionados a essas funções, como comer, beber água, sexo.

Qual seria um modo eficaz de lidar com o vício dentro de casa?
Uma boa maneira de reduzir seria cessar a compra da suposta substância, diminuindo assim o uso. Uma outra maneira seria usar o apoio da família ou de amigos, via internet, e fazer exercícios físicos mesmo dentro de casa.

Como é o processo de desintoxicação sem o uso de remédios, somente por psicoterapias?
Os remédios não são tão eficazes em relação às dependências. Temos sim remédios que ajudam a combater vícios, como por exemplo o álcool, porém, não superam as psicoterapias de grupos. As terapias de grupo ajudam a desconstruir a necessidade de usufruir certo produto, trabalhando a singularidade do indivíduo. O tratamento medicamentoso é muito usado para casos em que a depressão e a ansiedade surgem juntamente com o vício. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ANA PAULA MARCHETI

Automação domina nosso cotidiano

A indústria da automação ocupa mais espaços e traz melhorias, mas também incertezas

REPÓRTER: PEDRO DIAS

O processo de incluir tecnologias nas atividades e rotinas para facilitar a vida, a chamada automação, vem crescendo no Brasil e domina cada vez mais espaço no mercado. Entre 2016 e 2018, o percentual de indústrias que utiliza a automação no chão de fábrica passou de 63% para 73%, segundo a CNI (Confederação Nacional da Indústria) e este número continua crescendo. Já no ramo residencial, ainda há um enorme mercado a desbravar. Segundo o IBGE, há 63,3 milhões de residências no país, mas a Associação Brasileira de Automação Residencial informa que somente 300 mil são automatizadas. De acordo com Ana Paula do Carmo Marcheti, as mudanças que estão ocorrendo com a implantação da automação causam muitos impactos. Ana Paula é doutora em Engenharia de Produção pela Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), bacharel em Ciências da Computação pela UNESP de Bauru/SP e desenvolve projetos na área de inteligência artificial.

MURAL ENTREVISTA - Por que o mercado, tanto o pessoal, quanto o empresarial, está buscando a automação?
ANA PAULA MARCHETI - Na verdade, não é uma busca. A gente caminha num curso de facilitação de vida. Pedimos produtos com um nível de automação diferenciado ou produtos que chegam no mercado nos convencem que ele é diferenciado porque tem isso embarcado.

Quais aspectos da nossa vida podem melhorar e quais podem piorar com a automação?
Como atuo com tecnologia, é óbvio que vejo vantagens, mas o que vejo de mais negativo é o impacto na saúde das pessoas. A gente caminha para a evolução tecnológica, mas acho que isso me deixa um pouco mais preguiçosa, no sentido de ficar sempre esperando o próximo recurso, aceitando aquilo como o melhor jeito.

Quais setores estão buscando mais os processos de automação?
Eu trabalho na área da medicina, onde houve um avanço não só em tecnologia, mas em processo. Hoje, por exemplo, não dá para pensar em nenhum tipo de tratamento oncológico sem ter por trás um processo forte de automação, falando do diagnóstico de ponto inicial.

Algumas empresas dizem que tudo pode ser controlado pelo smartphone. Até que ponto isso é verdade?
Em termos de tecnologia, 100% verdade. Para poder controlar a distância eu tenho que ter vários equipamentos que possam ser controlados, e não temos mais limite com relação a isso. O que não é permitido é o controle judicial, pois você entra em controle de privacidade, direito penal, trabalhista que ainda não é claro, por exemplo.

Quais países sentirão um maior impacto com a automação?
País não sei te falar, mas vai demorar mais chegar em alguns países da África e Oriente Médio. Quando você fala em América, por mais que haja diferenças, ainda é um continente onde os países são relativamente pequenos, então eles conseguem ter influência e concorrência, porém quando você vai para países como Turquia, Síria, aonde tem um problema político muito sério a tecnologia não chega por questão política. Ali é tecnologia bélica.

A automação deixará as pessoas desempregadas? A mão de obra utilizada hoje em dia vai ser prejudicada?
Nem um pouco. O que há hoje é uma cobrança por uma melhor formação. Por exemplo, há tratores que custam 600 mil reais e estão nas mãos de alguém analfabeto, mas essa pessoa sabe operar muito bem, então vai ter que passar por um processo de formação. Vejo as pessoas evoluindo, vai ficar muito mais difícil arranjar ou mudar de emprego, mas não tem a ver com automação e sim, com processo de melhoria da tua empregabilidade. O que vai acontecer é que as pessoas serão forçadas a estudar e a trabalhar mais. O que é esse mais? Depende da área que você vai atuar. Posso falar, por exemplo, que hoje um médico tem que conhecer um pouco de tecnologia, para realizar um diagnóstico inicial.

O que podemos fazer agora para nos preparar para as mudanças que virão para o nosso cotidiano com os processos de automação?
Considero estudar, mas vejo o estudar, se dedicar mais, sempre pensando sua área de formação. Na formação é sair um pouco da bolha social porque ali é um conhecimento já adquirido. Eu vejo que estudar mais é olhar pra fora, como: Você está aqui no Brasil, aqui em Ribeirão, mas o que tá acontecendo em São Paulo? O que tá acontecendo na minha área? Não necessariamente olhar seu concorrente.

A senhora considera que a pandemia possa ter contribuído para a expansão do mercado de automação?
Acho que hoje a gente usa processos de automação que não usava antes, usamos as tecnologias disponíveis nos mais variados aspectos, seja dentro de indústrias ou seja a gente aqui na ponta utilizando algum resultado disso, que se não fosse a pandemia a gente demoraria mais. Por exemplo, esse próprio sistema que a gente está usando de reuniões online.

Qual o futuro da automação? as mais recentes tendências?
Inteligência artificial. Em todos os processos hoje há processo de inteligência artificial. A onda é como tornar essas tecnologias já disponíveis muito mais inteligente do que elas estão hoje, e fazer tudo isso funcionar com certeza a inteligência artificial está por trás disso. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

De “mãos nuas” eles criaram o Pixel Pólis

Dois dos criadores revelam o que os inspiraram a criar o podcast e expõem as dificuldades para crescer no meio

REPÓRTER: PEDRO SOLLY

No ano passado, o Deezer, uma das plataformas de streaming de podcasts mais utilizadas, divulgou uma pesquisa sobre o setor. O levantamento feito em outubro de 2019 trouxe números relevantes que mostram o aumento do consumo dos podcasts. Com mais de 14 milhões de usuários ao redor do mundo, a empresa francesa viu o consumo de podcasts em seu aplicativo aumentar em 177% em todos os países onde está presente e movimentou mais de 1 bilhão de dólares somente com publicidade. Os podcasters são profissionais que investem tempo e dinheiro em seus ofícios e para seguir com o bom trabalho é preciso ter um incentivo financeiro. E exemplos como o Nerdcast, de Deive Pazos e Alexandre Ottoni, que se tornaram grandes empresas, são ainda raros nos Brasil. Boa parte dos produtores de conteúdo são originalmente ouvintes que resolvem fazer um programa pela diversão que a prática proporciona. Para compreender melhor esse meio e seus desafios, o MURAL ENTREVISTA falou com Eron Vieira Trindade e Eduardo Nonato Perondini, dois dos criadores ao lado de João Fernandes, do podcast em ascensão, Pixel Pólis. Atualmente, o Pixel possui cerca de 100 seguidores em cada uma de suas redes sociais e tem cerca de 250 visualizações em cada programa publicado em seus meios.

Eduardo Nonato

MURAL ENTREVISTA - Como surgiu a ideia de fazer um podcast e, especificamente, o Pixel Pólis?
Eduardo Nonato – Essa ideia surgiu há muito tempo, porque as nossas conversas, durante os momentos em que a gente se encontrava em alguma festa ou coisa do gênero, sempre foram muito produtivas. Eu sempre saía delas dando muita risada ou com algum conhecimento extra. Sempre existiu, da minha parte, uma vontade de documentar isso de alguma maneira. Cogitei até gravar vídeos, mas pra mim era certo que eles não iriam topar isso. Mas, quando a pandemia aconteceu, eu que não era muito ligado nesse mundo dos podcasts, comecei a acompanhar o Flow Podcast, e finalmente criei coragem de criar algo com o Eron e o João
Eron Trindade – Com toda a certeza, o parteiro da ideia foi o Eduardo, mas tem algo que eu acho importante frisar. Às vezes gente de fora daquele núcleo de amigos acabava participando dessas discussões que a gente tinha, então as poucos a gente foi percebendo que as discussões rendiam bastante. Então quando o Eduardo trouxe essa ideia de criar um podcast, a gente enxergou isso como uma oportunidade de aprender ao conversar com as pessoas.

Eduardo Nonato – O nome do podcast reafirma essa ideia, a gente quer que o programa funcione como uma Pólis grega, só que na internet, por isso o título de Pixel Pólis. É tosco, mas pra mim era o nome ideal do projeto.

Descreva o podcast que vocês produzem? qual o conteúdo, o formato, o público-alvo?
Eron Trindade – Ele se distancia muito de um podcast de entrevista, porque quando a gente traz o convidado pro programa, a gente não está só pensando em extrair o conhecimento dele, mas em trocar conhecimento; então eu diria que é um podcast informacional com um linguajar mais despojado.

Qual é o processo que vocês utilizam para gravar o podcast?
Eron Trindade – A gente usa o Discord para se comunicar e aí através dos “bots” do aplicativo, o Eduardo ou o João ficam responsáveis pela gravação. Eles já possuem experiência com esse tipo de criação, porque ambos já produziram Livestreams. E sem brincadeira, o Eduardo merece ser o funcionário do mês do Pixel Pólis, porque o cara faz de tudo pro programa acontecer! A edição, por exemplo, fica sob a tutela dele, e por mais que a gente acredite que não exista necessidade de uma edição pesada no nosso podcast, é ele que tá ali deixando o áudio “bonitinho” e a gente confia nele para ter o bom senso de cortar as partes do papo que tenham sido desnecessárias.
Eduardo Nonato – Eu normalmente uso o Sony Vegas pra fazer esses cortes e também utilizo ele para conseguir juntar a gravação com alguma música de fundo. Quando necessário, acabo usando o Audacity pra limpar o áudio de alguém que esteja com algum ruído ou coisa do gênero.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA →

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

Vocês são muito jovens e ainda não têm formação na área de comunicação. Fizeram algum curso para dominar essa linguagem de podcast e essa tecnologia?
Eduardo Nonato – Honestamente, a gente foi de "mãos nuas", foi um processo de aprendizagem prático; a gente vai errando e se corrigindo conforme o feedback e quando a gente tem alguma dúvida sobre como fazer certo efeito ou técnica no nosso podcast, eu acabo entrando em fóruns, onde a própria comunidade podcaster acaba ajudando a gente.
Eron Trindade – Eu ainda ouso dizer que temos uma facilidade com a comunicação. Eu, por exemplo, sempre gostei de ficar observando as nuances das conversas do dia a dia, nos filmes que eu assisti e nos livros que li. Talvez isso tenha me ajudado na hora de desenvolver os assuntos que nosso podcast aborda.

Eron Trindade

Vocês têm dificuldade para encontrar uma pauta para cada programa?
Eron Trindade – Nós somos muito curiosos, então frequentemente estamos indo atrás de entender mais sobre algo que tenha despertado nossa curiosidade, e como eu disse antes, existe esse costume no nosso círculo de amigos de ficar debatendo a fundo tudo. No momento que a gente encontra uma temática que bate diretamente com os conhecimentos de algum dos nossos contatos, automaticamente a possibilidade de levar essa discussão para o Pixel Pólis se abre.

O programa de vocês também gosta de comentar assuntos mais leves, porém, vocês claramente estão mais interessados em temas mais capciosos e espinhosos. Levando em conta esse aspecto, qual é a principal preocupação de vocês quanto ao conteúdo dos programas?
Eduardo Nonato – Evidentemente é impossível a gente saber de tudo. Óbvio que estudamos e ficamos preparados para o programa, claro que buscamos chamar pessoas que tenham entendimento sobre os assuntos abordados, porém nossa proposta é de ser um papo mais despojado, uma conversa de bar entre amigos. Não temos qualquer tipo de pretensão de abordar os assuntos com precisão e sempre deixamos bem claro isso.

Um dos maiores problemas de qualquer produto midiático é alcançar um público. Quais são as dificuldades de vocês para divulgar o podcast e torná-lo conhecido?
Eduardo Nonato – Buscamos estar presente no máximo de lugares possíveis. A gente publica o podcast no Anchor, Spotify e Youtube. Nossa estratégia de divulgação é bem planejada, criamos cortes engraçados ou intrigantes do programa para aumentar o engajamento, convidamos um colega nosso que entende de algoritmo de rede social para cuidar da conta de Twitter do Pixel Pólis, que aliás, sempre está recheada de memes do podcast. Já até "flodamos" chat de League of Legends falando do podcast pra ver se alguém se interessava, e acredite ou não, funcionou!

Vocês fizeram um programa com o pessoal do canal Falando em Liberdade. Eles foram os primeiros convidados de fora do círculo social de vocês. Como foi a preparação de vocês para esse momento? Foi uma experiência prazerosa?
Eron Trindade – Foi algo muito inusitado. A gente entrou em contato por meio de um post do "Igor3k", um dos criadores do Flow, e aí eles disseram que curtiram nosso trabalho e se a gente tinha em interesse em fazer uma colaboração. Evidentemente aceitamos a proposta! Porque é o seguinte, a gente tem que se ajudar, precisamos mostrar que essa comunidade existe, não pode ser algo individualista. Eu não acho que houve qualquer tipo de preparação diferente da nossa parte, foi algo que fluiu muito bem, muito por conta que a gente sempre busca criar um clima amigável na gravação, então não existiu qualquer tipo de desconforto.

Quais são os planos para o futuro?
Eduardo Nonato – Por enquanto vai continuar um hobby. A gente pensa em, talvez um dia, criar um pequeno estúdio, mas não chega a ser uma ambição prioritária. Temos sonhos muito diferentes, que podem levar os integrantes a ter que fazer certas escolhas. No entanto, como queremos fazer Física e na mesma faculdade, existe uma possibilidade de morarmos juntos, e se isso acontecer, com toda certeza pensaríamos em fazer um investimento no projeto. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

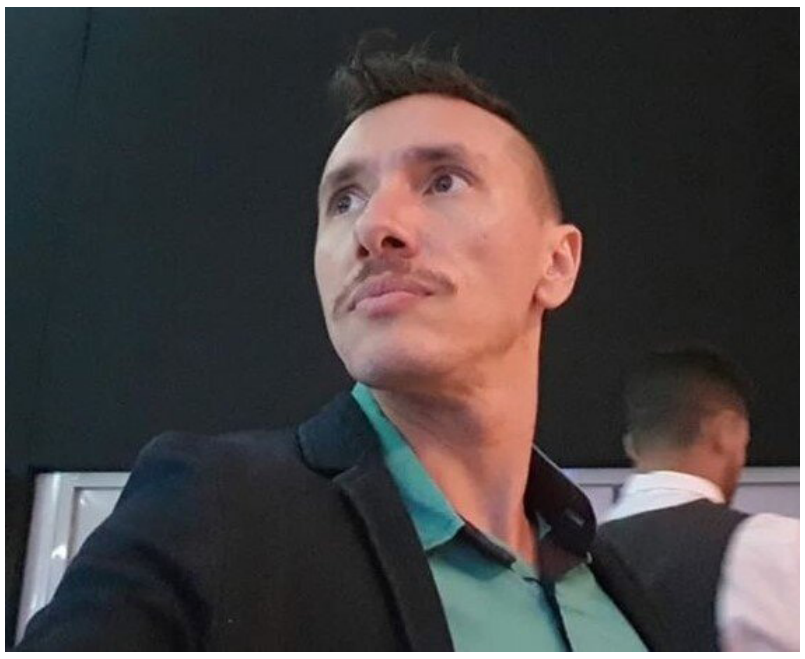
ENTREVISTA: LUIZ FLÁVIO SANTOS

Ensino remoto veio para ficar

Pandemia do novo coronavírus trouxe ensino remoto forçado para instituições de ensino brasileiras

REPÓRTER: PRISCILA CARVALHO

Devido à pandemia, o processo de aprendizagem teve que se adequar e o cenário educacional brasileiro ganhou caráter de ensino remoto forçado, como diz Luiz Flávio Santos. Professor das escolas ETEC e FATEC, Santos afirma que algumas instituições já planejavam aderir caráter digital a algumas disciplinas, de modo a dar suporte aos alunos, mas as circunstâncias impostas pela Covid-19 aceleraram e impuseram a mudança. Santos afirma que muitas escolas até se saíram bem nesse processo de adaptação, investindo em tecnologias e métodos, mas durante esse período também houve dificuldades, o que exigiu maior dedicação dos professores.



MURAL ENTREVISTA – Como professor, quais os maiores aprendizados que o senhor obteve durante esse período de pandemia?
LUIZ FLÁVIO SANTOS - Eu já trabalhava com a ideia do ensino híbrido com o Moodle, então tinha bastante familiaridade. Mas, agora que é, obrigatoriamente, tudo online eu estou tendo realmente que me adaptar muito. Buscar novas ferramentas, novas metodologias para manter a atenção do aluno e usar algo que o atraia. O primeiro aprendizado foi como usar mais conteúdos relacionadas ao vestibular, como simulados online. Um outro momento que faço bastante com os alunos é usar vídeos didáticos.

Quais as maiores dificuldades que encontrou com relação ao domínio das tecnologias utilizadas?
Mão tive tantos problemas, mas tenho colegas que tiveram muitos problemas de adaptação. A minha maior dificuldade é a busca. Eu gasto o dobro de tempo que gastava para as aulas presenciais. Era só preparar. A busca me demanda mais tempo do que a preparação para algo físico, mesmo que o algo físico fosse de observação de campo.

Há alguma metodologia de ensino que o senhor adquiriu durante as aulas online e que julga útil continuar utilizando?
O próprio ensino online. A ideia de você lançar para o aluno, deixar lá, como já fazia com o Moodle, lançar um questionário para que os alunos respondam, por exemplo. Quem não quer fazer vai procurar na internet. Quem quer, vai consultar o material e as videoaulas que disponibilizo. Esse sistema híbrido incentiva muito o protagonismo do aluno, de ele buscar o conhecimento. O problema da nossa situação de pandemia é que há alunos que não têm acesso. Mas a ETEC e FATEC, por exemplo, já queriam implantar o ensino híbrido, só que a pandemia acelerou isso mesmo. Muito provavelmente cerca de 20% das disciplinas técnicas vão entrar em ensino híbrido.

Qual foi a prática que o senhor mais utilizou em suas aulas online?
No começo, eu ficava orientando os alunos, tirando dúvidas, mandava umas atividades e videoaulas. Quando vi que não ia voltar o presencial, passei a condensar o conteúdo, passo a parte básica. Então, a dinâmica está sendo essa agora: eu faço 20 minutos, meia hora de aula e os libero para fazer as atividades proposta. Inclusive para dar tempo de fazerem a atividade durante a aula e não terem que fazer no turno extra.

O senhor acredita que no retorno das aulas presenciais o contato entre aluno e professor terá alguma modificação?
Acho que não uma modificação, mas uma valorização. Ensino remoto é uma coisa e o ensino remoto forçado é outra. O ensino remoto forçado mostrou a importância, não só do professor, mas do contato. Do contato do professor com o aluno, da troca de experiências entre professores, do auxílio de troca de conhecimento entre os alunos. Essas relações não serão modificadas, mas sim valorizadas.

E com relação às dinâmicas das aulas e ambiente social nas escolas?
Acho que as dinâmicas vão estar mais intensas. As pessoas vão querer chegar e abraçar, valorizar o "ir à escola". Essas dinâmicas vão estar mais nítidas.

Durante alguma de suas aulas o senhor se deparou com uma situação inusitada?
Inusitada, não. Tive algumas experiências positivas. Teve uma turma em que eu acabei a aula e eles me pediram para fechar o olho, aí todos eles abriram a câmera de surpresa. Então são umas demonstrações de carinho que todo mundo está precisando nesse momento. Teve um projeto feito por uma das minhas coordenações que se chama "Meu professor é um meme", onde os alunos escolhiam alguns professores e faziam memes representativos.

Pensando a longo prazo, qual sua perspectiva para a educação brasileira após a mudança e as dificuldades enfrentadas neste período de isolamento social e educação a distância?
Falar da perspectiva da educação brasileira (sem entrar na perspectiva da pandemia) é complicado porque demanda uma visão política de um governo que visualize a educação como promotor de mudanças. Enquanto não houver um governo que priorize a educação o cenário da educação brasileira é complicado. Agora, visualizando a adaptação dos profissionais e do sistema como um todo em um pós pandemia, eu vejo com bons olhos. Vejo que a gente está valorizando mais a educação, que vamos valorizar mais contato entre alunos e professores e que as famílias entenderam que a escola tem importância**.** ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: PEDRO MORAES

“Criatividade não tem limite e hora”

Pedro Moraes, o Skullwell, DJ e produtor musical de RP, se destaca cena eletrônica nacional e internacional

REPÓRTER: RENAN GALATI

Skullwell é um jovem ribeirão-pretano de apenas 22 anos, que atua como DJ e produtor musical há cinco anos e vem se destacando na cena eletrônica, chamando a atenção de grandes artistas internacionais. Ele foi o primeiro brasileiro a lançar uma música pela gravadora Hexagon Records, do maior DJ de Future House, o holandês Don Diablo. Com atuações de grande destaque nacional, ele já se apresentou em um dos maiores clubes do Brasil, o Green Valley, e no palco UP no Festival Universo Paralelo, que ocorre na Bahia, promovido por Juarez Petrillo e Ekanta, pais do DJ ALOK.

MURAL ENTREVISTA – O nome do projeto tem alguma história por trás? Como e quando surgiu?
SKULLWELL – O projeto surgiu há cinco anos, e desde lá venho tentando fazer um trabalho diferenciado. Antes eu usava uma máscara de caveira. Gosto de colocar significado em tudo que faço. “Skull” é caveira, e “well” é boa, dai o nome.

De onde nasceu a ideia do projeto? Você teve algum artista que te inspirou para começar a produzir?
O projeto surgiu com a intenção de levar a minha música para o mundo. Antes dele existir, tive outros dois projetos. Vale lembrar que comecei muito novo, com 11 anos. As principais influências, sem entrar em gênero, são Deadmau5 e Don Diablo.

Referências musicais e artistas que te inspiram?
Amo música eletrônica em todas as suas vertentes, mas vale ressaltar aqui, Oliver Heldens, Nicky Romero e David Guetta.

Como você definiria o som que você produz?
Já produzi um pouco de tudo e acho que finalmente me encontrei. Amo os sons futurísticos, então acho que podemos definir o estilo em Future House e Progressive House!

Como funciona seu processo criativo?
Sempre digo que a criatividade não tem limites e muito menos hora. Sou só um menino que tenta transmitir amor no estúdio, no meu quarto, e tento levar para o mundo. Nada é específico, deixo a criatividade fluir!

Conte-me mais sobre essa nova sonoridade que você vem mostrando em seus sets e nas suas produções.
Sempre tentei fazer um som que agradasse os outros, mas isso por muito tempo manteve minha cabeça fechada. Agora procuro fazer algo feliz, que traga energia boa para as pessoas! Um som vibrante, pista, com melodias felizes e uma vibe incrível. Um som que agrada a todos! Vá a uma apresentação minha, eu garanto, você não ira se arrepender!

Podemos dizer que o lançamento pela Hexagon foi um grande momento da sua carreira. Me conte um pouco mais sobre isso!
Lançar na Hexagon não estava nem nos meus melhores pensamentos, algo realmente mágico pra mim! Agradeço muito aos italianos do Promise Land, viraram meus amigos, e tenham certeza de que a “MyMyMy” não é a última com eles.

Com o seu último lançamento da track “Rapina”, em collab com FIVE e Last6o. Como foi o processo de criação? Qual o estilo dela?
Quanto ao processo de criação trabalhamos desde o início para criar algo que grudasse no ouvido e não saísse do repeat. A produção foi toda feita remotamente, por Facetime e por troca de projetos de track, já que meus amigos moram na Itália. Mas, a definição dela é mais uma pegada pop, com um vocal empolgante e feliz, que traz uma sensação gostosa de ouvir, além de uma melodia que não sai da cabeça!

Durante seu set, é possível ouvir quais tipos de músicas?
Acho que todo o tipo de música boa. Como eu já disse, não gosto muito de colocar gênero nas músicas, mas podemos dizer que é um set de muita energia! Gosto de fazer a galera feliz, melodias fortes, progressivas, algo que não deixe ninguém parado!

Cite algo que você ama e admira na música eletrônica.
O que eu mais amo na música eletrônica é o poder da união que ela tem. Tudo que tenho e aprendi nessa vida devo à música. A energia, a positividade, o olhar e sorrisos de milhares de pessoas na sua frente. Isso não tem preço! ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ADRIANO DA SILVA

Plano e prazer para viver de música

Com responsabilidade e planejamento é possível realizar o sonho da arte musical, diz professor

REPÓRTER: RODRIGO TRINDADE

A música está presente na vida da maioria das pessoas no mundo inteiro, seja qual for o gênero, estilo ou preferência. Contudo, ingressar no mundo da música como profissional é um caminho incerto e difícil, pois a carreira musical não é de sucesso garantido. Dez entre dez profissionais falam que depende de determinação, trabalho e também um bom planejamento. O músico e professor de música, Adriano da Silva, vive de sua arte e de seu gosto em ensinar. Com sua experiência, ele orienta os que pretendem seguir carreira e têm desejo de se tornarem profissionais da música. Silva esclarece sobre os caminhos e as ferramentas necessárias para ir além do hobby musical.

MURAL ENTREVISTA – O que despertou seu desejo de ser um profissional da música?
ADRIANO DA SILVA – Sempre gostei da parte teórica, técnica e também da história da música, mas fiquei encantado pelo ensino da música ao começar a dar aulas para um amigo. Mesmo que sem grandes pretensões, percebi que podia ensinar alguém e que aquilo me dava satisfação. No início, além das aulas, tinha um trabalho paralelo que era tocar em bares à noite, mas percebi que me identificava mais com a parte educacional. Então, iniciei estudos para formação como professor de Música, mas, certamente, foram aquelas aulas, ainda sem grandes pretensões, que me chamaram atenção para a carreira musical

Qual a maior dificuldade que você já enfrentou quando decidiu ser músico?
Como escolhi trabalhar na área de educação musical, minha maior dificuldade foi conseguir uma quantidade de alunos que me proporcionasse viver exclusivamente da música.

Na sua opinião, porque é tão difícil seguir uma carreira na música?
Na minha área, que é a educação, a maior dificuldade para se seguir na carreira é a instabilidade. O ensino de um instrumento musical é algo específico e nem todos os estudantes que começam o curso de Música conseguem levar muito adiante, pois não é algo fácil. O músico que dá aulas precisa sempre motivar seus alunos criando ferramentas para desenvolvimento, apresentações e audições para os alunos praticarem cada vez mais. Enfim, estar envolvido sempre no trabalho e ter planejamento financeiro é a parte mais difícil da carreira.

Qualquer um pode se tornar um profissional e viver da música?
Sim, mas nos tempos atuais os profissionais de música necessitam uma formação musical muito sólida, com cursos e formação específica. O profissional de música precisa de muito estudo.

Como você motiva seus alunos a não desistirem de construir suas carreiras?
Motivo meus alunos a terem formação, serem estudiosos, usarem as ferramentas da tecnologia, fecharem bons contratos de trabalho e serem persistentes.

Quais são os passos para se manter sólido em uma carreira musical?
Estar atualizado. Atualizado no repertório, na técnica, na parte teórica e na tecnologia. Ter persistência, cumprir horários, cumprir agenda, ser responsável.

Como a internet facilita a exposição de um músico?
A internet é uma grande aliada para o músico, principalmente nesse momento de pandemia que estamos passando. As lives, as aulas on-line, os conteúdos para YouTube e até mesmo a facilidade de publicar material musical nas mídias sociais gratuitamente tornam possível publicar material diariamente e ainda interagir com as pessoas de forma rápida e dinâmica. Outra coisa muito importante é a disponibilização de material didático e até mesmo de repertório em plataformas digitais. Sem dúvida, contribui demais para a formação e informação do músico em geral.

Qual a sua dica para quem está começando?
Para quem está começando na carreira musical minha dica é ser envolvido no trabalho. Independente da área de atuação, seja tocando em bares e eventos, seja na educação musical ou em bandas ou carreira solo. Estar envolvido significa dedicação. Se dedicar ao estudo do instrumento, à preparação de repertório ou aulas, se dedicar ao aluno procurando sempre o melhor caminho para o crescimento dele. Outro fator é cumprir a agenda, cumprir compromissos. Organização financeira também é de extrema importância. Normalmente, o músico é autônomo e isso significa que é preciso ter uma reserva financeira para emergências, fazer compras à vista e evitar parcelamentos longos. Por fim, acreditar e amar o que faz pois assim fará bem! ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ERMANI ALEXANDRE DE MENEZES

Orgânico é a alimentação do futuro

Plantação e consumo de alimentos livres de agrotóxicos movimentaram R$ 4,6 bilhões em 2019

REPÓRTER: RUBENS AVELAR

Alimentos orgânicos são aqueles produzidos sem uso de agrotóxicos sintéticos, transgênicos ou fertilizantes químicos. As técnicas do processo de produção respeitam o meio ambiente, a saúde do trabalhador agrícola, a do consumidor e têm como objetivo manter a qualidade do alimento. Frutas, legumes, verduras, hortaliças, carnes, ovos, feijão e cereais são alguns exemplos que podem ser produzidos dessa forma. Os alimentos orgânicos têm mais benefícios e oferece menos riscos do que a produção convencional Essa escolha pela alimentação de orgânicos tem aumentado a cada ano no Brasil e uma pesquisa realizada pela Orgânis, uma entidade do setor, mostra que os orgânicos movimentaram R$ 4,6 bilhões em 2019, um faturamento 15% maior do que em 2018, quando ficou em R$ 4 bilhões. Ermani Menezes, mecânico profissional, tornou-se produtor orgânico familiar nas horas vagas por ser uma terapia cuidar de sua horta e pelas vantagens que os alimentos oferecem a saúde de sua família.

MURAL ENTREVISTA – Desde quando o senhor cultiva o orgânico e o que o motivou a esse tipo de cultura agrícola?
ERMANI MENEZES – Cultivo há uns dois anos, pois além de ser uma terapia, são alimentos mais saudáveis.

Quais as principais diferenças do orgânico para o não orgânico?
Os agrotóxicos, que são prejudiciais à saúde, e o sabor dos alimentos.

Qual sua estrutura de plantio? Como você e sua família se organizam para a produção de orgânicos?
São plantios de custos baixos. O mais caro de todos é a água para a irrigação. Duas vezes ao dia, a horta necessita de nossa atenção, sempre nos reunimos lá para conversar e cuidar das plantinhas .

Quais alimentos vocês cultivam?
Mamão, alface, tomatinho, almeirão, couve, brócolis, berinjela (roxa e branca) jiló, pimentão, pimenta, salsinha, quiabo, agrião, rúcula, rabanete, cenoura, manjericão e hortelã.

Quais as maiores dificuldades do plantio orgânico?
As dificuldades são as pragas (matos e pulgões), pois como não se usa agrotóxicos fica um pouco mais difícil combater, mas com cuidado dá tudo certo.

Como é a produtividade e a lucratividade neste segmento?
A produção vem com abundância quando se coloca amor e carinho. Lucro nem se fala, pois o custo é muito baixo.

Há algum tipo de incentivo para o plantio orgânico?
Não se tem incentivos.

E fiscalização? como é o controle para se verificar se a produção é, de fato, orgânica?
Pela diferença nos produtos. Quando se usa agrotóxicos e fertilizantes artificiais as hortaliças e legumes são mais atrativos. Somente as pessoas que conhecem e sabem da qualidade do produto que aceitam.

E a comercialização, como funciona? Para quem você vendem a produção?
Nós não vendemos porque acreditamos que ainda não é a nossa necessidade, mas nós alimentamos nossa família, amigos e vizinhos.

Qual público tem mais interesse e consome alimentos orgânicos?
Os idosos com certeza.

Quais os benefícios da alimentação orgânica?
Os alimentos são mais gostosos e mais frescos, tornam as receitas mais saborosas e os nutrientes são mais absorvidos.
A saúde após a troca do convencional pelo orgânico é outra.

Atualmente os alimentos orgânicos são de fácil acesso?
Para o plantio sim, qualquer supermercado, loja de ração ou de artigos para fazenda vende sementes. Para o consumo normalmente só em supermercados grandes têm uma ala específica.

Acredita que no futuro os alimentos orgânicos serão mais consumidos que os não orgânicos?
Com toda certeza. A agricultura familiar de orgânicos cresce em pequenas comunidades, as pessoas têm tendência em encontrar novos estilos de vida e alimentação. Os orgânicos estão vindo com tudo. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2020

ANO 5 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: RAPHAEL SEGATI

E.commerce cresceu 400% na pandemia

80 mil lojas virtuais abertas por mês; marketing digital é a principal ferramenta de divulgação

REPÓRTER: VINI OLIVEIRA

Com a pandemia, muitas empresas tiveram que alterar suas estratégias de divulgação de marcas e produtos e, com isso, o marketing digital está sendo mais necessário do que nunca. Seja aquele profissional que perdeu o emprego e começou a fazer brigadeiro em casa para vender, ou o comerciante que não podia abrir sua loja, criou um e.commerce e informou seus clientes que estava vendendo online, a economia passou a depender do marketing digital. Hoje, é praticamente impossível não utilizar a internet no seu composto de marketing, afirma Raphael Lotufo Segati, publicitário e especialista em marketing digital e e-commerce. Segati trabalhou em uma das primeiras agências de marketing digital de Ribeiro Preto, a Magoweb e atualmente é membro e parceiro do ComEcom (Comitê de Líderes de E-Commerce) e atua como freelancer, prestando consultoria em marketing digital e e-commerce para empresas de Ribeirão Preto e região.

MURAL ENTREVISTA – O que significa o marketing digital nos dias de hoje?
RAPHAEL SEGATI - Não dá mais para falar de marketing sem pensar no ambiente digital. Então, qualquer empresa que queira fazer um planejamento de marketing hoje e que queira comunicar o seu produto, serviço ou ideia, necessariamente tem que passar pela internet. A cada dia as pessoas têm mais acesso a celulares e planos para navegar em redes sociais. Então, a empresa que não coloca essas novas mídias digitais dentro de suas campanhas de marketing, realmente não vai conseguir se comunicar com seu público.

Quais são os benefícios de usar o marketing digital?
Os benefícios são vários. A empresa que faz um anúncio na rede social alcança muita gente. Outro benefício é que através do marketing digital você consegue alcançar exatamente o público alvo que você quer. A gente consegue segmentar por classe social, por idade, por sexo, por gênero, por interesse, por tudo. Um terceiro benefício é o valor do investimento muito mais baixo e acessível do que investir, por exemplo, num anúncio de televisão.

O que está em alta no marketing digital atualmente?
Quem ainda não estava pensando em investir em internet, não estava trabalhando a sua marca em redes sociais, com a pandemia passou a ter urgência. O e-commerce teve um crescimento de 400% e foram mais de 80 mil lojas virtuais abertas por mês. Muita gente criou perfis no Instagram para divulgar os seus produtos e serviços, empresas fizeram páginas no Facebook, correndo contra o tempo pra divulgar ferramentas de venda por delivery, como o Whatsapp vender o produto pela internet e fazer entregas.

O que deve ser priorizado pelas empresas que querem investir e planejar estratégias de marketing digital?
Sempre que vou atender uma nova empresa, a primeira pergunta é: qual o objetivo que a empresa tem em relação ao marketing digital? Você tem que ter isso muito claro porque cada ferramenta atende a um objetivo diferente. Então, a gente precisa, antes de tudo, definir objetivos para poder saber quais plataformas utilizar.

É possível hoje criar e conceituar uma marca sem utilizar o marketing digital?
Eu diria que é impossível, mesmo que você não queira ter um perfil em uma rede social, se não quer ter um site, ou ter nada no seu ambiente online, saiba que vai ter uma pessoa falando da sua marca na internet. A partir do momento que você entra no mercado, você vendeu um produto ou serviço para alguém, essa pessoa vai usar a internet pra falar bem ou mal de você. Então, eu vejo como impossível conceituar ou criar uma marca sem utilizar o marketing ou ambiente digital.

Como é feita a medição do sucesso de uma empresa nas redes sociais?
Se seu objetivo for se tornar uma marca conhecida e popular, a forma de medir esse sucesso é através do número de seguidores, de engajamento, o quanto as pessoas falam da sua marca ou empresa na internet. Se o objetivo dessa empresa for vendas, você consegue mensurar o sucesso dessa empresa hoje através do relatório de vendas, do número de pessoas que pesquisam seu produto, quantas pessoas acessaram seu site. São as chamadas métricas. Esses indicadores irão mostrar se está tendo sucesso ou não na internet e esse sucesso é relativo ao objetivo da empresa. Então depende muito, mas para cada ação nós temos hoje como mensurar métricas específicas. Você consegue mensurar todos os resultados hoje.

Estamos em ano de eleição e pergunto: qual a importância do marketing digital nas campanhas eleitorais?
Num ano tão atípico como o nosso, com a pandemia, os horários políticos foram reduzidos, então a internet vem se firmando cada vez mais com um grande canal de comunicação para a política. Existem regras pra fazer campanha na internet, porém qualquer candidato hoje pode ter seu perfil e colocar todas suas ideias e planos de governo. Mesmo os anúncios patrocinados têm muitas regras e uma fiscalização grande. Da mesma forma, existe uma outra pandemia que é das fake news, o eleitor tem que tomar muito cuidado com o que ele vê na internet relacionado às eleições. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)